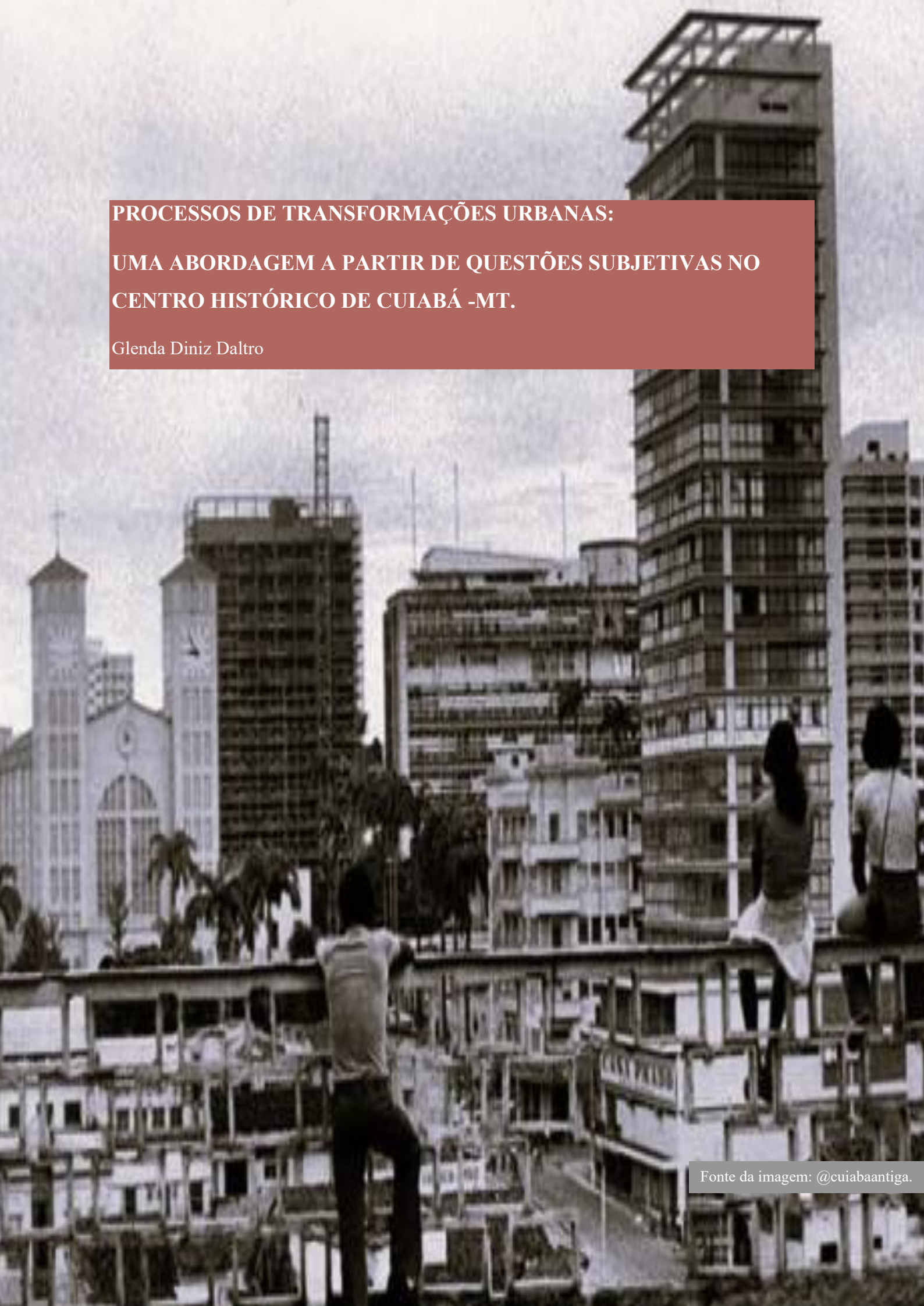


PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÕES URBANAS:

**UMA ABORDAGEM A PARTIR DE QUESTÕES SUBJETIVAS NO
CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ -MT.**

Glenda Diniz Daltro



Fonte da imagem: @cuiabaantiga.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

GLENDIA DINIZ DALTRO

**PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÕES URBANAS: UMA
ABORDAGEM A PARTIR DE QUESTÕES SUBJETIVAS NO CENTRO
HISTÓRICO DE CUIABÁ -MT.**

Recife

2025

GLENDAL DINIZ DALTRO

**PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÕES URBANAS: UMA
ABORDAGEM A PARTIR DE QUESTÕES SUBJETIVAS NO CENTRO
HISTÓRICO DE CUIABÁ - MT.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (MDU/UFPE), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano. Área de concentração: Desenvolvimento Urbano.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Leitão Santos.

Recife

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Daltro, Glenda Diniz.

Processos de transformações urbanas: uma abordagem a partir de questões subjetivas no Centro Histórico de Cuiabá - MT / Glenda Diniz Daltro. - Recife, 2025.

92f.: il.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2025.

Orientação: Lúcia Leitão Santos.

1. Identidade; 2. Memória; 3. Pertencimento; 4. Centro Histórico; 5. Cuiabá. I. Santos, Lúcia Leitão. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

GLENDAL DINIZ DALTRO

**PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÕES URBANAS: UMA
ABORDAGEM A PARTIR DE QUESTÕES SUBJETIVAS NO CENTRO
HISTÓRICO DE CUIABÁ - MT.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (MDU/UFPE), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano. Área de concentração: Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em : 27/05/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lúcia Leitão Santos (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco (PPGMDU/UFPE)

Prof.^a Dra.^a Julieta Maria de Vasconcelos Leite (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco (PPGMDU/UFPE)

Prof.^a Dra.^a Dayse Lucwu Martins (Examinadora Externa)

Universidade Federal de Pernambuco (DAU/UFPE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Hildebrando e Grayce, as minhas irmãs, Anna Carolina e Rayanna, por serem inspirações, suporte, apoio e amparo na minha caminhada, por sempre me incentivarem a ir atrás dos meus sonhos e das minhas conquistas. A minha família, meu cunhado, tias e tios, primas e primos, pela torcida e apoio.

Ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, aos professores, por todos os ensinamentos, em especial a professora Lúcia Leitão, por todo estímulo e orientação no desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos de Cuiabá e a todos os meus amigos que Recife me deu, por todas as trocas, conversas, apoio e incentivo nessa caminhada.

Por fim, a CAPES, pelo apoio que foi concebido para a realização dessa pesquisa.

[...] a cidade, grande ou pequena, nunca é completamente passiva; e, como existe uma constante interação entre a sociedade e o tecido urbano, não podemos mexer em nossas cidades sem fazer também alguns ajustes na sociedade – ou vice-versa. Talvez esteja mais próximo da verdade dizer que uma mudança em uma delas necessariamente implica, pressupõe uma mudança na outra.

Rykwert, 2004.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo o Centro Histórico do município de Cuiabá – MT. A área em questão, possui uma parte tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Trata-se de um local que tem seu traçado urbano definido à época de origem da cidade, sendo nela presentes algumas edificações características dos séculos XVIII, XIX e XX, que representam a história do surgimento da cidade e onde se identifica uma grande expressão cultural da identidade do município. Existem aparatos legais que visam a integridade do local, entretanto o que se observa atualmente é uma região que se encontra em um estado que exige extrema atenção devido a muitas de suas edificações estarem em um péssimo estado de conservação e preservação, encontrando-se muitas delas abandonadas ou subutilizadas. Esse fato além de contribuir para a descaracterização da região, afetando o seu estado material, também é prejudicial para o lado imaterial da cidade e a sua população, pois além dos valores patrimoniais, mexe com as questões de memória, identidade e pertencimento dos seus habitantes para com essa região. Por isso, esse estudo teve como objetivo central, em analisar e identificar como alguns processos de transformações e mudanças no centro histórico da cidade repercutem em aspectos próprios do psiquismo, a exemplo psiquicamente, do sentimento de pertencimento, reconhecimento e identidade que a população tem com essa área.

Palavras-chave: Identidade, Memória, Pertencimento, Centro Histórico, Cuiabá.

ABSTRACT

This dissertation has as its object of study the Historic Center of the city of Cuiabá - MT. The area in question has a part of it listed by the National Institute of Historic and Artistic Heritage - IPHAN. It is a place whose urban layout was defined at the time of the city's origin, with some characteristic buildings from the 18th, 19th and 20th centuries, which represent the history of the city's emergence and where a great cultural expression of the city's identity can be identified. There are legal mechanisms that aim at the integrity of the place, however, what is currently observed is a region that is in a state that requires extreme attention due to many of its buildings being in a poor state of conservation and preservation, many of them being abandoned or underused. This fact, in addition to contributing to the decharacterization of the region, affecting its material state, is also detrimental to the immaterial side of the city and its population, because in addition to the heritage values, it affects the issues of memory, images and imaginaries, identity and belonging of its inhabitants to this region. Therefore, this study had as its central objective to analyze and identify how some processes of transformation and change in the city's historic center have repercussions on specific aspects of the psyche, for example, psychically, the feeling of belonging, recognition and identity that the population has with this area.

Keywords: Identity, Memory, Belonging, Historic Center, Cuiabá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Ilustração da vista da cidade de Cuiabá no século XVIII.	P. 32
Figura 02: Localização de Cuiabá no estado de Mato Grosso.	P. 34
Figura 03: Cuiabá, seus distritos e cidades limites.	P. 35
Figura 04: Localização da área de estudo, dentre as regionais do município.	P. 37
Figura 05: Mapa Centro Histórico de Cuiabá, mostrando a sua área tombada e sua área de entorno em setores.	P. 39
Figura 06: Desenho representando a Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá no período colonial.	P. 40
Figura 07: Desenho representando a Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá no período imperial.	P.40
Figura 08: Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá em 1914.	P. 40
Figura 09: Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá em 1940.	P. 40
Figura 10: Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá nos anos de 1960.	P. 41
Figura 11: Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá quando foi demolida.	P. 41
Figura 12: Vista da atual Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá.	P. 41
Figura 13: Vista da atual Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá.	P. 41
Figura 14: Desenho representativo da Igreja do Rosário e São Benedito em 1790.	P. 42
Figura 15: Imagem da Igreja do Rosário e São Benedito nos anos de 1884.	P. 43
Figura 16: Imagem da Igreja do Rosário e São Benedito nos anos 1978.	P. 43
Figura 17: Imagem da Igreja do Rosário e São Benedito atualmente.	P. 43
Figura 18: Imagem da Igreja do Rosário e São Benedito atualmente.	P. 43
Figura 19: Imagem do Córrego da Prainha em 1940.	P. 44

Figura 20: Imagem vista da Prainha e do Centro Histórico, 1968.	P. 44
Figura 21: Imagem da Prainha e vista de parte da praça Ipiranga, década de 1970.	P.45
Figura 22: Imagem do período de canalização do córrego da Prainha.	P. 45
Figura 23: Imagem atual da Av. Tenente Coronel Duarte, a Prainha.	P.46
Figura 24: Antiga vista da Avenida Getúlio Vargas, sentido descendo.	P. 46
Figura 25: Antiga vista da Avenida Getúlio Vargas, sentido descendo.	P. 47
Figura 26: Atual vista da Avenida Getúlio Vargas, sentido descendo.	P. 47
Figura 27: Vista do antigo Hotel Centro América.	P. 48
Figura 28: Vista de outro ângulo do antigo Hotel Centro América.	P. 48
Figura 29: Atual vista de onde ficava o Hotel Centro América.	P. 49
Figura 30: Vista da antiga Praça Alencastro.	P. 49
Figura 31: Vista da antiga Praça Alencastro.	P. 50
Figura 32: Atual vista da Praça Alencastro.	P. 50
Figura 33: Antigo Palácio Presidencial, onde hoje fica o Palácio Alencastro.	P. 51
Figura 34: Palácio Alencastro na década de 1970.	P. 51
Figura 35: Imagem atual da vista do Palácio Alencastro, sede da Prefeitura de Cuiabá.	P.52
Figura 36: Imagem antiga do Grande Hotel.	P. 52
Figura 37: Imagem antiga do Grande Hotel.	P. 52
Figura 38: Imagem atual do Grande Hotel.	P. 53
Figura 39: Imagem antiga da Igreja Nossa Senhora da Boa Morte.	P. 53
Figura 40: Imagem atual da Igreja Nossa Senhora da Boa Morte.	P. 53
Figura 41: Imagem antiga do Palácio da Instrução.	P. 54
Figura 42: Imagem atual do Palácio da Instrução.	P. 54
Figura 43: Imagem antiga da rua Galdino Pimentel.	P. 54

Figura 44: Imagem atual da rua Galdino Pimentel.	P. 54
Figura 45: Imagem antiga da Praça da Mandioca.	P. 54
Figura 46: Imagem atual da Praça da Mandioca.	P. 54
Figura 47: Imagem antiga da Rua Voluntários da Pátria com a Igreja Senhor dos Passos ao fundo.	P. 55
Figura 48: Imagem atual da Rua Voluntários da Pátria com a Igreja Senhor dos Passos ao fundo.	P.55
Figura 49: Imagem chafariz do Mundéu 1940.	P.56
Figura 50: Imagem Praça Bispo Dom José, chafariz do Mundéu ao centro da imagem, década de 1970.	P.56
Tabela 01: Quadro Demográfico de Cuiabá.	P.33

GLOSSÁRIO

Cuiabano - Relativo à pessoa que nasce na cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso.

Cuiabania - Expressão regional utilizada no município de Cuiabá, para referenciar os cuiabanos de famílias tradicionais.

Cuiabano de tchapa e cruz - Expressão regional da cidade de Cuiabá, utilizada para designar o cuiabano legítimo, “puro de origem”;

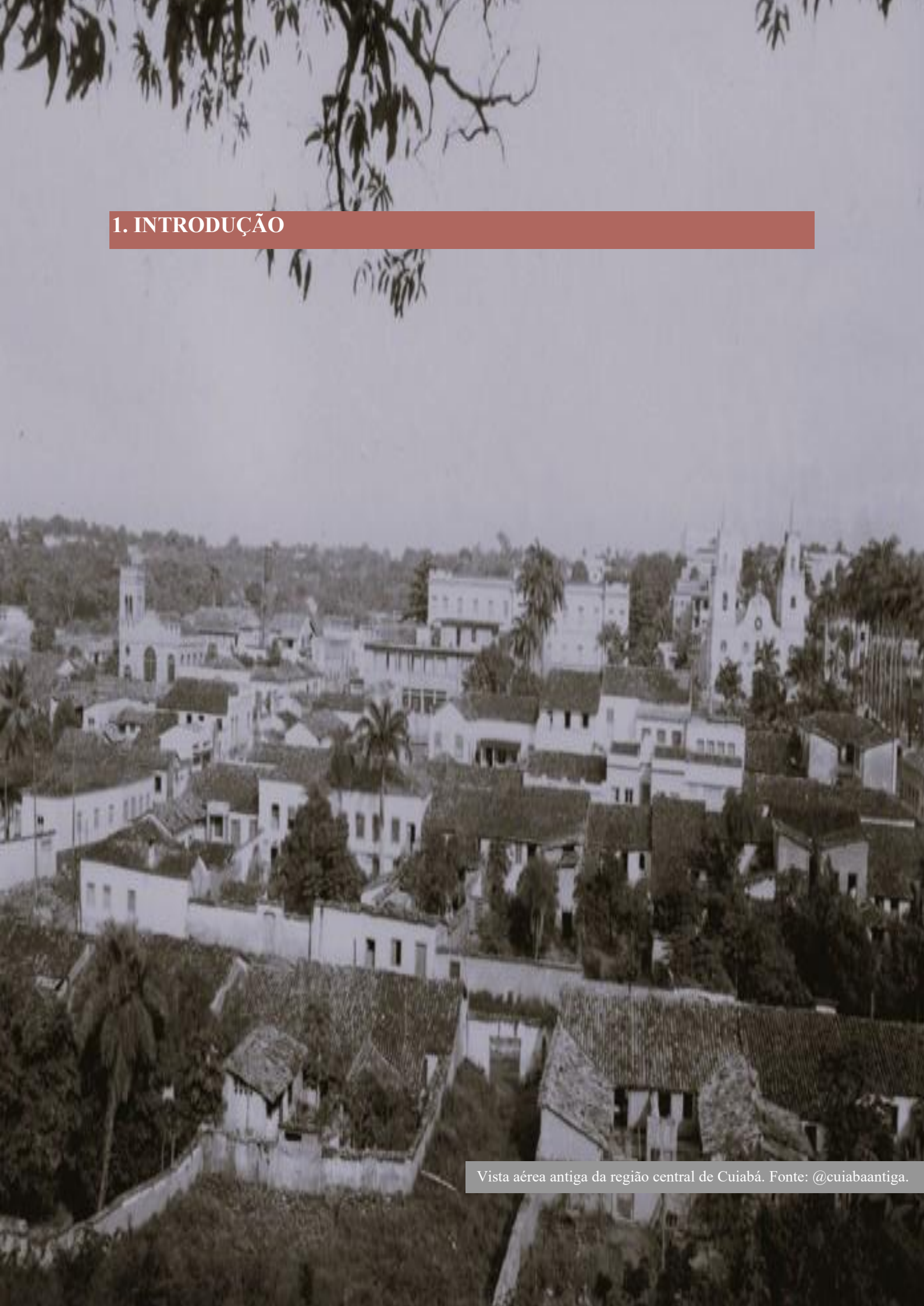
Cuiabano de pau rodado - Expressão regional da cidade de Cuiabá, utilizada para referenciar as pessoas que não nasceram na cidade, mas nela se estabeleceram e criaram um vínculo tão grande que acabaram por se integrar à comunidade, à cidade e a sua cultura local.

Furrundu- Doce típico da culinária cuiabana, feito do pau do mamoeiro ou mamão verde, rapadura, canela, cravo e gengibre.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. UMA PERCEPÇÃO QUANTO A IDENTIDADE, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO	23
3. CUIABÁ, UM CONTO SOBRE SUAS ORIGENS.....	31
3.1 O Centro Histórico, berço da cuibania.....	36
3.2 Recorte ao Objeto Empírico e suas legislações.....	37
3.3 Permanências e Transformações no Centro Histórico de Cuiabá - MT.....	39
4. A RELAÇÃO DO CUIABANO COM O SEU CENTRO HISTÓRICO...57	
4.1 O que dizem os cuiabanos.....	59
4.2 Análise dos dados coletados.....	83
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	90

1. INTRODUÇÃO



Vista aérea antiga da região central de Cuiabá. Fonte: @cuiabaantiga.

São vários os elementos que constituem o conceito de cidade. Do ponto de vista da sociologia urbana, existem três concepções que podem ser empregadas: a concepção demográfica, a concepção econômica e a concepção de subsistemas. A concepção demográfica considera cidade como sendo um aglomerado urbano com determinado número de habitantes. Já na concepção econômica o conceito de cidade está atrelado a uma localidade de mercado. Por fim a concepção de subsistemas considera cidade como sendo um conjunto de subsistemas administrativos, comerciais, industriais e sócio-culturais. Atualmente no Brasil, o conceito de cidade em nível geográfico refere-se a um núcleo urbano qualificado por um conjunto de sistemas político-administrativo como sede do governo municipal¹.

Já em um conceito amplo, a cidade se mostra para seus habitantes como sendo sinônimo de casa, onde se dita o ritmo da vida, apresenta um leque de possibilidades que acabam por definir os espaços de vivências e as relações humanas em suas diferentes temporalidades, podendo ser em um mesmo lugar só que em espaços diversos. Cada cidade é única, pois nela se apresentam as diversas representações de um povo na qual nela se habita. Silva² nos diz que na cidade mescla-se hábitos, percepções e histórias, sendo assim, ela é “cultura se fazendo como costura”, onde precisamente é na fusão de todas essas intermediações e costuras que vai se afluando a própria urbanidade ou personalidade coletiva da cidade. Argan³, escreve que a cidade está para a sociedade assim como o objeto está para o indivíduo, sendo assim, a sociedade se reconhece na cidade como o indivíduo no objeto, portanto, a cidade é um objeto de uso coletivo, vale-se ainda ressaltar que o autor nos diz que, ela não é a dimensão de uma função, mas sim, a dimensão da existência. Me apegando a essas conceituações de cidade, início este trabalho, apresentando a seguir minha justificativa pessoal que me levou a escrever essa temática de dissertação.

Nasci na cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, no início da década de noventa. Sou uma cuiabana de “tchapa e cruz”, expressão regional essa na qual são chamadas as pessoas que nasceram e se criaram no município. Venho de uma família na qual parte das gerações anteriores à minha nasceu e se criou por aqui, no caso da minha avó materna, e outra parte nasceram no interior de outros estados, sendo meu avô materno advindo de Rochedo (quando o município ainda fazia parte do estado de Mato Grosso), já meus avós paternos vieram do interior da Bahia, minha avó do Morro do Chapéu e meu avô de Andaraí. Minha mãe nasceu

¹ SILVA, Ana Maria. *Requalificação Urbana. O exemplo da intervenção Polis em Leiria*. (dissertação de mestrado) Coimbra, 2011.

² SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. Editora: Perspectiva, 2005.

³ ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*, Editora: LTDA, 1992.

e foi criada em Cuiabá, já o meu pai nasceu no interior do estado de Mato Grosso, no município de Tesouro, no entanto veio para cá ainda criança, sendo assim criado por aqui. Embora eu possa dizer que tenha laços advindos de outras cidades, pelo fato de grande parte da minha família ter vindo de outras localidades, expresso aqui que os mesmos foram e consideravam-se “cuiabanos de pau rodado”, termo esse que carinhosamente chamamos por aqui as pessoas que não nasceram em Cuiabá, mas que por aqui se estabeleceram e criaram um vínculo tão grande que acabaram por se integrar à comunidade, à cidade e a sua cultura local.

Por esse fato, desde pequena, fui inserida em uma Cuiabá que para mim sempre se apresentou e significou uma representação de histórias, simbologia e tradição. Me recordo que ao andar pela cidade, sempre que estava com algum membro da família, me era contado algum fato a respeito de como eram certas regiões da cidade ou sobre alguma edificação, que geralmente era vinculada a alguma pessoa conhecida, personalidade marcante da cidade ou até mesmo pessoa importante nacionalmente que por aqui passou. Muitas dessas histórias que me eram contadas, tinham um tom saudosista, principalmente quando eram histórias vinculadas ao Centro Histórico da Cidade e seu entorno. Dentre muitas dessas histórias que me foram e são contadas até os dias de hoje, uma das que me chamou mais atenção e que me recordo que me foi contada ainda criança, foi a de quando um dia andando por uma das principais avenidas da cidade, chamada atualmente de Avenida Tenente Coronel Duarte, mas popularmente chamada de Prainha, meus pais me falaram: “até algum tempo atrás por aqui passava um córrego que ligava o centro ao porto da cidade, as pessoas vinham pescar aqui, nadavam e tentavam achar pepitas de ouro, porque aqui, na origem da cidade, era uma região cheia de ouro”. Fala essa para se referir a um local onde antigamente se passava o córrego da Prainha, que pelo aumento populacional da cidade e com o intenso processo de urbanização que passou o município na década de 1970, levou a canalização do mesmo, que acabou por esconder o córrego da vista dos olhos da população. Coincidentemente, o local atualmente possui a denominação de Avenida Tenente Coronel Duarte, para homenagear essa personalidade da guerra do Paraguai, no entanto, a população majoritariamente a chama de Avenida da Prainha, nome esse do córrego que por ali passava e atualmente se encontra abaixo da malha asfáltica.

Diante esse fato, assim como demais fatos que iremos relatar adiante neste trabalho, a respeito do centro histórico da cidade, voltando aos conceitos de cidades, destaca-se que elas ao longo dos anos passam por vários processos de mudanças, sendo em um sentido amplo estendidas ao seu traçado urbano, à sua ordem social, econômica, cultural, etc. Sobre esse processo, voltando a obra de Silva, o autor nos diz:

Como desenho de uma ideia a semiótica da cidade tece suas impressões à medida que revisita a observação da cidade. Dessa forma, é sempre reinventada e essa mudança corresponde ao desenho sempre novo dos paradigmas. Perante a cidade, desenhos e “re-desenhos” interpretativos são faces da mesma moeda: a mudança. (SILVA, 2005)

Ele ainda nos fala, nessa mesma obra, que “a cidade se faz representar e se dá a conhecer concretamente pelas suas imagens”, sendo que as imagens urbanas são signos da cidade e atuam como mediadoras do conhecimento dela. Nos diz também, que “a unidade imagem/imaginário é responsável pela geração do significado”, sendo ele então a percepção da experiência urbana travestida no uso do espaço e seus lugares, identificando-se assim que o uso é o significado da experiência e sua manifestação está na apropriação do espaço construído. Por se assim dizer, o autor constata que:

Imagem e imaginário urbanos são manifestações de dupla mão, ambos se referem à cidade como espaço físico e construído e como lugar que se individualiza naquele espaço. Nas duas situações, a cidade é cenário e atriz de uma relação social que contracenam com o homem, usuário ou cidadão urbano; assim sendo, imagem e imaginário correspondem à capacidade cognitiva do homem de produzir informação em todas as suas relações sociais. (SILVA, op. cit.)

Sabendo que a imagem é um dado que corresponde a uma concreta intervenção construída na cidade e o imaginário trata-se de um processo que acumula imagens estimuladas por elementos sendo eles construídos ou não, que se identifica com o meio e o cotidiano urbano, pode-se dizer que as ações realizadas nos núcleos urbanos do passado interferem nas percepções da imagem e do imaginário de uma sociedade no seu presente como também no seu futuro, pois dependendo das ações inadequadas pode-se perder valores e referências, bem como também pode alterar a identidade urbana de uma cidade.

Voltando-se novamente ao município de Cuiabá, ressalta-se que as histórias, as memórias e os imaginários da população cuiabana para com a cidade, vem sendo constantemente explorada nas músicas, na literatura, nas pinturas, bem como também em pesquisas. A cidade é retratada de tal maneira pelas expressões artísticas, com o intuito de mostrar, apresentar e afirmar a cultura e as tradições da cuiabania⁴, bem como também, é utilizada para demonstrar indignação e ser uma forma de crítica a alguns processos de mudanças que vêm acontecendo na região, no que diz respeito ao seu espaço físico que está intimamente ligado à existência de seu povo.

⁴ Expressão regional utilizada no município de Cuiabá, para referenciar os cuiabanos de famílias tradicionais.

Um exemplo dessas expressões artísticas, que visam a afirmação da cultura e tradição local, pode ser vista na música regional Tipos Populares, escrita por Pescuma e Moisés Martins, que é tida como uma forma de reafirmação da identidade local e de seu povo, sendo ela através do cotidiano e da relação de seu povo com a cidade, como a lembrança de personalidades que remetem ao folclore da região que mexem diretamente com a memória e o imaginário de sua população, sendo assim, a música diz:

“Toda cidade tem seus tipos
Cuiabá também os tem,
Uma cidade sem eles
Vive cheia de ninguém

A cidade vive dos que vivem nela
Já dizia o grande locutor
Sem eles qualquer cidade
Seria um jardim faltando flor
Tipos populares, boêmios sem fim
Nos bares, becos e esquinas
Vivem felizes, sim!

Viva, cobra fumando
Maria Preta, Zé Bolo Flô,
Em cada esquina uma saudade
Em cada canto uma canção de amor.” (MARTINS e PESCUMA, 1999)

Bem como também, através do poema Canto-murmúrio para a minha cidade, do poeta regional Silva Freire, podemos ver a indignação do mesmo para com os processos de mudanças no traçado físico da cidade, diante a urbanização, que em seus versos nos diz:

...” Não são as crianças que se esquecem de seus
valores permanentes. Elas se alimentam das
raízes da raça.

Não são as crianças que se enriquecem a
curto prazo e a qualquer preço, à custa de seu
empobrecimento...

Quem está descarnando o seu patrimônio espiritual?
Quem quer apagar a memória de seu povo?
Quem deforma a sua imagem histórica?
Quem delapida sua herança?
Quem camufla a trambicagem?

Não são as crianças que borram a imundície
da vida em suas paredes seculares. As crianças,
suas crianças, Cuiabá, sabem
pinturar de alegria a cidade-úteromaterno.

Não, redigo: as crianças são o poema
inconsútil da vida, ninhando a peraltice no

andor do arco-íris cuiabano.

Não, as crianças musicam suas dores, feridas
por mãos anônimas.

As crianças aromatizam o mau-hálito que
baforam sobre você, Cuiabá.

Não, tresdigo: as crianças aliviam, num abraço,
o desespero-escuro onde a lamaçal esconde o crime.

Quem está sufocando a cidade de seus artistas?
Quem está querendo calar a capital das catedrais?
Quem nos quer a marca dos excluídos?
Quem está fazendo o rio Cuiabá suar de mal usado?
Que buracolândia é essa? Essa valeta vai
esconder quantas omissões?

Não..., não suicidem a cidade de
Lamartine Mendes, o poeta ausente!

Não façam em bagaço a Capital de
Cavalcanti Proença, o ensaísta-crítico!

Não reneguem a aldeia de **Estevão de
Mendonça**, o historiador presente!

Não façam de Cuiabá outra paulicéia
desvairada, sob a chuva, fuligem e enxurro!

Não impermeabilizem o sub-solo sensível de
Miguel Sutil, até não respirar mais:
- o exemplo é ali, em São Paulo,
Rio e Belo Horizonte!

Não arrivista, para ressaltar outra cidade, não
é honrado diminuir a que lhe dá o sustento!

Não, não são as crianças quem está rasgando
o tecido cultural da cidade!

As crianças são o futuro-interior da
comunidade, e vão pedir contas à história.

Ah,
“seu” Delegado!,
“seu” Fiscal,
“seu” Secretário,
Sr. Prefeito,
Guarda Civil,
Chefes,
Chefes,
tantos Chefes!,
- a posse da cidade não é posse da função!” (FREIRE, 2008)

Diante deste poema, podemos perceber que os processos de transformações que aconteceram na cidade afetaram o autor e causaram a sua indignação. Assim como afetou a Silva Freire, esses processos de transformações que acontecem nas cidades, de um modo geral, afetaram,

estão afetando e podem vir a afetar as relações das imagens e dos imaginários urbanos, bem como também o sentimento de pertencimento, de reconhecimento e de identidade que a população possui para com a cidade. Desse modo, como meio de analisar e identificar como esses processos estão afetando a relação da população com a cidade, este trabalho realizou um estudo feito no município de Cuiabá - Mato Grosso, mais precisamente na área do centro histórico da cidade.

Quanto aos centros históricos, de uma forma objetiva, representam e apresentam a cultura local de um município, estão localizados em áreas mais antigas da cidade que carregam consigo a história da sua origem, como também apresentam características que as distinguem no decorrer dos anos até a atualidade. Em uma visão ampla, os centros históricos carregam e expressam consigo um caráter simbólico e diverso de uma cidade, pois apresentam características marcadas pela sua história, seu traçado urbano, seu patrimônio edificado, seu patrimônio cultural, como também núcleos de função comercial e de serviços.

No entanto, o conceito de centro histórico, com o passar dos anos vem se transformando e ganhando novas conceituações mais complexas, como a expressão sítio histórico urbano adotada na Carta de Petrópolis em 1987⁵, que o definiu como sendo um espaço onde se concentra diversas manifestações culturais de uma cidade, a qual apresenta a seguinte definição (p.1):

O sítio histórico urbano – SHU – é parte integrante de um contexto amplo que comporta as paisagens natural construída, assim como a vivência de seus habitantes num espaço de valores produzidos no passado e no presente, em processo dinâmico de transformação, devendo os novos espaços urbanos ser entendidos na sua dimensão de testemunhos ambientais em formação.

Já a Carta do Restauo de 1972⁶, por sua vez, definiu os centros históricos muito além dos antigos centros urbanos, sendo eles também representados por todos os assentamentos humanos que mesmo com o passar dos anos tenham se transformado, mas que possuem um valor especial com testemunho histórico que possuem características urbanísticas e arquitetônicas particulares. Dentre as diversas definições tem-se também a feita por Canclini⁷, a qual diz que os centros históricos tratam-se do resultado de diversas etapas do

⁵ Carta de Petrópolis foi concebida em 1987, no 1º Seminário Brasileiro para Preservação e Revitalização de Centros Históricos.

⁶ Carta do Restauo foi concebida em 6 de abril de 1972, pelo Ministério da Instrução Pública da Itália, sendo este um documento sobre restauração que atribui normas e instruções para todas as intervenções de restauração em qualquer obra de arte.

⁷ CANCLINI, Néstor García. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórica e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, p.95–115, 1994.

desenvolvimento no qual se foram sedimentados estilos construtivos e concepções diversas do espaço urbano. Reconhece-se, no entanto, assim como nos diz Argan⁸, que a cidade é uma entidade histórica absolutamente unitária, ela é, *in toto*, uma construção histórica, sendo assim, pode-se dizer que há vários centros históricos dentro de uma cidade, que se altera a partir da percepção de quem nela se vive. Entretanto, vale ressaltar que neste presente estudo, o centro histórico do qual retratamos, trata-se da região onde originou-se a cidade, por isso, ela representa e carrega consigo a história, a cultura, bem como é um local que possui uma imensa simbologia e identidade para seu povo.

Adiante iremos falar mais detalhadamente sobre a origem e algumas transformações do município de Cuiabá, mais especificamente o seu centro histórico. Por agora, cabe lhes falar que se trata de uma cidade que completou em 2025 trezentos e seis anos, que teve seu território descoberto através das expedições dos bandeirantes, que vieram em busca de metais preciosos e mão de obra indígena. A mesma, tornou-se capital da província de Mato Grosso em 1835, e tem em seu traçado urbano, algumas edificações características dos séculos XVIII, XIX e XX. Assim, seu centro histórico, guarda grande parte do patrimônio construído nesses períodos, registrando desse modo, uma grande expressão cultural de identidade do município. Além disso, parte de seu centro histórico foi tombado provisoriamente em 1987, sendo o processo aprovado em 1988 pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural e sua homologação realizada em 1992, que passou a gestão do local para o Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional – IPHAN, com o objetivo de preservar e conservar os bens patrimoniais da área, no que se refere os valores históricos e culturais que demarcam a evolução do município, a fim de se preservar a memória da região. É dito que com tombamento do centro histórico de Cuiabá cria-se um “importante instrumento para a preservação da memória de Cuiabá e do Centro-Oeste brasileiro, pois estão legalmente protegidas as edificações, os logradouros e a paisagem, suporte físico da cultura legada pelos cuiabanos de outrora, que assim se acolhe e perpetua”⁹.

Entretanto, mesmo havendo aparatos legais que visem a integridade da área, o que se observa atualmente no centro histórico de Cuiabá é uma área que se encontra em um estado de extrema atenção, pois muitas das edificações ali existentes estão em péssimo estado de conservação e preservação, muitas delas se encontram abandonadas ou subutilizadas, processo que contribui para a descaracterização da região. Esse fato além de ser prejudicial para o estado material, também é prejudicial para o lado imaterial da cidade e a população cuiabana, pois

⁸ARGAN, op. cit., 1992.

⁹IP HAN, 1994 *apud* PREFEITURA MUNICIPAL DE CUIABÁ, 2010, p.6-29.

mexe com valores patrimoniais, bem como a memória, as imagens e os imaginários de seus habitantes, sendo eles valores de identidade e pertencimento de quem se habita. Outro ponto de grande relevância, é que parte da população acaba vendo o tombamento da região como sendo um ato que visa à restrição e ao conservadorismo, o que se sabe ser uma visão que vai totalmente contra aos princípios e objetivos do ato em si. Entretanto, esse fator juntamente com os outros fatores mencionados anteriormente, somam para uma falta de identificação por parte da população, que cada vez mais enxergam a área como sendo uma região obsoleta.

Por isso, esse estudo teve como objetivo geral analisar e identificar como alguns processos de transformações urbanas afetaram e estão afetando as questões subjetivas da população com o meio em que vive, de modo direto e indireto, tendo como objeto de estudo o centro histórico do município de Cuiabá – Mato Grosso. Para que o objetivo seja cumprido, teremos os seguintes objetivos específicos:

- Contextualizar e aplicar os conceitos-chave da pesquisa, a exemplo de identidade, memória e pertencimento.
- Analisar e caracterizar as diferentes relações que a população possui para com a região do centro histórico de Cuiabá.

Vale expressar, que a pesquisa parte de um princípio de que a população mais antiga possui uma relação afetiva, de identidade e pertencimento mais expressiva com o local do que a população mais jovem. Por isso, pretendeu-se analisar e identificar se alguns dos processos de transformação urbana que foram realizadas ao longo dos anos até os dias atuais na região possuem alguma relação de interferência com as questões de identidade, pertencimento e memória que a população possui com a área em questão. Diante do exposto, para cumprir os objetivos dispostos, o trabalho adotará uma pesquisa através do método qualitativo, pois se trabalhará com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que acabam por corresponder a uma abordagem mais profunda das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis avaliadas de modo quantitativa. Sendo assim, buscou-se compreender, identificar e analisar a dinâmica das relações sociais, diante das vivências, experiências, cotidianidade e compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana¹⁰.

¹⁰ MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Editora: Vozes, 21ªed, 2002.

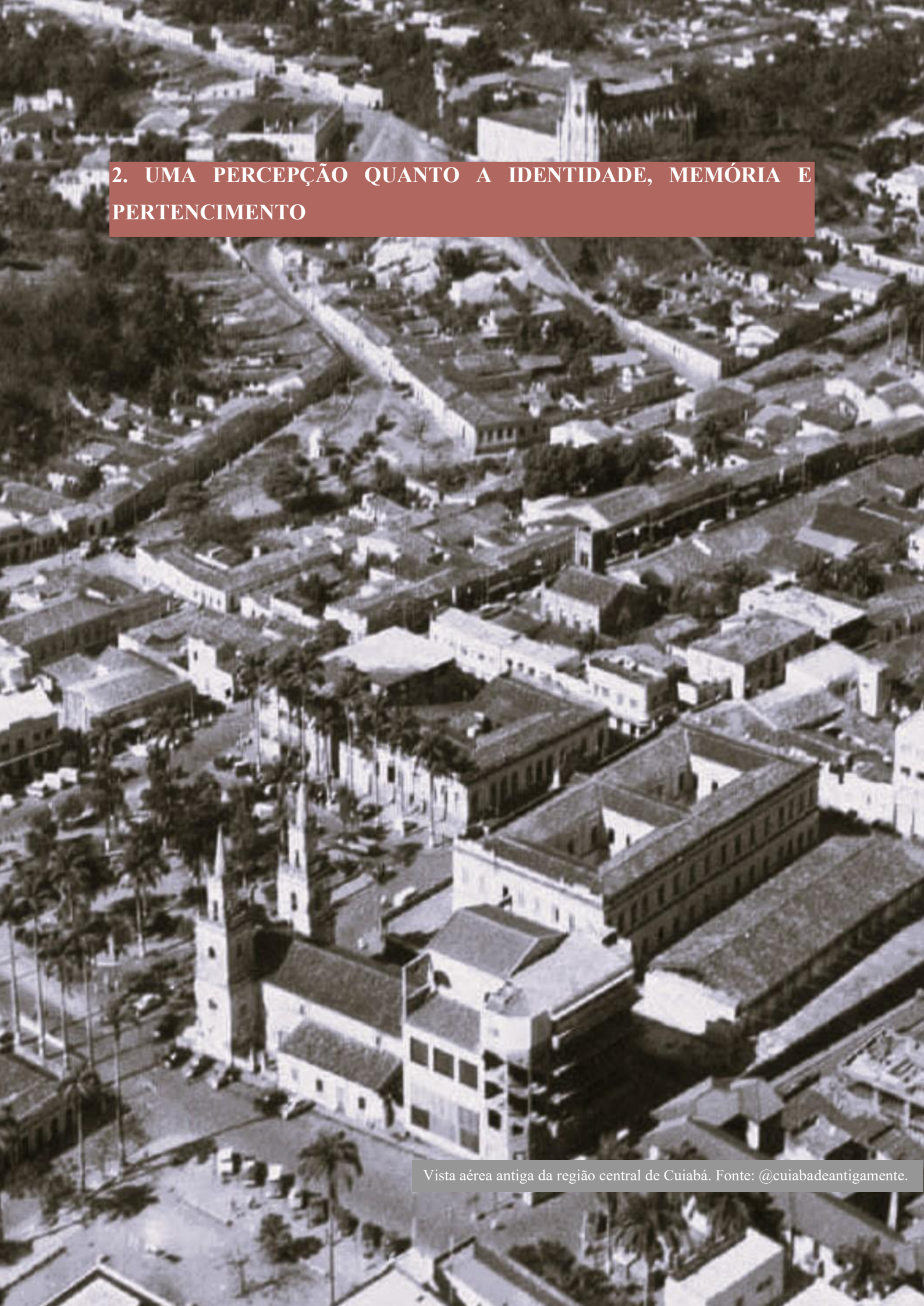
Para melhor compreensão e orientação do estudo, esta dissertação possui a seguinte disposição de escrita nos capítulos adiante: Capítulo 1 - Uma percepção quanto a identidade, memória e pertencimento, onde realizamos um aporte teórico, a partir dos conceitos de extrema relevância para o desenvolvimento e compreensão do estudo; Capítulo 2 - Cuiabá, um conto sobre suas origens, onde apresentamos o objeto de estudo da dissertação, abordando sobre a historiografia da área, as legislações existentes para o local em específico, bem como alguns processos de permanências e transformações que foram acontecendo na região ao longo dos anos; Capítulo 3 - A Relação do cuiabano com o seu centro histórico, onde abordamos sobre o trabalho de campo realizado através de entrevistas com a população cuiabana, mais especificamente as pessoas nascidas ou que nasceram em outro município, mas que vieram para Cuiabá ainda na infância e por aqui foram criadas. Segundo Minayo¹¹, a entrevista é dita como o procedimento mais usual no trabalho de campo, nela o pesquisador busca obter informações contidas na fala dos atores sociais, o que não significa ser uma conversa despresticiosa e neutra, pois ela se apresenta como um meio de conseguir coleta dos fatos relatados pelos atores. A autora diz que, primeiramente, a entrevista se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala, que posteriormente serve como uma coleta de informações sobre um determinado tema científico, sendo eles dados objetivos e subjetivos.

Quanto ao tipo de entrevista realizada, esse estudo trabalhou com entrevistas semi-estruturadas, sendo ela um híbrido de entrevista aberta e estruturada ao mesmo tempo. A escolha para esse tipo de entrevista se deu pelo fato de que ao realizar as entrevistas, pretendeu-se compreender a relação que os entrevistados possuem com o local de estudo, levando em consideração o retrato das experiências vividas e vivenciadas que foram fornecidas por essas pessoas para com a área. As entrevistas foram realizadas de forma individual, onde trabalhamos com grupos de pessoas, compostas de moradores da área, antigos moradores da área e seu entorno, desde que os mesmos fossem especificamente moradores nascidos ou que para cá vieram ainda na infância e foram criados no município. Essa delimitação de entrevistados, se deu pelo fato de tentar buscar uma melhor compreensão das relações que as pessoas possuem para com o local, a fim de se identificar se elas foram afetadas ou não ao longo dos anos.

Após a realização das entrevistas, analisamos os dados coletados, a fim de buscar encontrar as respostas para as questões formuladas de modo a poder confirmar ou não as

¹¹ Ibid., 2002.

afirmações estabelecidas antes de se iniciar as investigações deste estudo. Por fim, apresentamos nossas considerações finais onde fizemos as reflexões finais, que foram realizadas após as análises dos dados apresentados nas entrevistas, relacionando-as com os aportes teóricos abordados no estudo.

A black and white aerial photograph of the central region of Cuiabá. The image shows a dense urban layout with numerous buildings, streets, and a prominent church with a tall spire in the lower-left quadrant. A long, straight road or canal runs diagonally across the upper half of the image. The overall scene depicts a well-established colonial or early modern city.

2. UMA PERCEPÇÃO QUANTO A IDENTIDADE, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

Vista aérea antiga da região central de Cuiabá. Fonte: @cuiabadeantigamente.

Neste capítulo, apresentamos as teorias e conceituações dos termos: identidade, memória e pertencimento, a partir de um apanhado teórico. O intuito neste estudo é de compreendê-los diante as questões da subjetividade, estando elas ligadas diretamente à psique do sujeito, a fim de trazer um raciocínio teórico que nos possibilite compreender como eles se relacionam entre si. Tendo em vista que o presente estudo visa identificar se os processos de transformação urbana que foram e estão acontecendo ao longo dos anos no centro histórico de Cuiabá, se estão alterando os sentimentos que a população possui para com o local, a compreensão diante os termos nos auxiliará na análise final do estudo.

Diante da complexidade dos os termos, os conceitos apresentados neste capítulo, foram selecionados a partir da interpretação dos autores sobre cada conceito, como meio de conseguirmos construir um raciocínio a partir das várias interpretações apresentadas, em sentidos complementares, onde buscamos obter um percurso interpretativo que nos possibilite a compreensão e a ligação dos termos entre si. Como meio de melhor organização, não dividimos este capítulo a cada conceito, mas sim, os discorremos em texto corrido, diante a percepção de cada autor.

O dicionário Aurélio diante das palavras, apresenta as seguintes definições: identidade trata-se de um conjunto de qualidades e das características particulares de uma pessoa que torna possível a sua identificação ou reconhecimento; memória é a faculdade de reter ideias, sensações, impressões que foram adquiridas anteriormente, sendo ela classificada como sendo o efeito de lembrar e de recordação que a posteridade guarda; pertencimento é a ação de pertencer, sendo assim, é relativo a ser parte de, dizer a respeito a e ser propriedade de alguém.

Freud¹², sobre as questões da identificação nos diz, que ela é conhecida pela psicanálise como a manifestação mais precoce de uma ligação emocional com outra pessoa. Ela se apresenta e é ambivalente desde o seu início, já que ela pode se voltar tanto para a expressão da ternura quanto para o desejo de eliminação, sendo assim, ela se aspira por dar ao próprio eu uma forma similar à do outro eu, tomando-se como um modelo. O autor nos diz, que a identificação:

Em primeiro lugar, que a identificação é a forma mais original de ligação emocional com um objeto; em segundo lugar, que por via regressiva ela se transforma em substituta de uma ligação objetual libidínica, como que por introjeção do objeto no eu; e, em terceiro lugar, que ela pode surgir sempre que se percebe qualquer nova característica em comum com uma pessoa que não é objeto de impulso sexuais. Quanto mais significativa for essa característica em comum, tanto mais bem-sucedida

¹² FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Editora: L&PM Pocket, v.1106, 2023.

poderá se tornar essa identificação parcial, e, assim, corresponder ao começo de uma nova ligação. (FREUD, 2023, p.103)

O autor, na mesma obra, falando sobre uma gradação no eu, diz que cada indivíduo é parte integrante de muitas psiques de massas, sendo elas, a de sua raça, sua classe, sua comunidade religiosa, seu Estado etc., e pode, indo além delas, se elevar até um fragmentozinho de independência e de originalidade.

Leitão¹³, também abordando sobre a ótica da teoria psicanalítica, diz que o conceito de identificação possui como ideia fundamental na noção de imprescindibilidade do outro na constituição psíquica do sujeito humano. A autora diz que é pela experiência de existir que o ser humano possui a oportunidade de se tornar sujeito, que diante ao processo de identificação, os eventos psíquicos que acabam transformando um indivíduo em sujeito se mostram fundamental, e o outro, imprescindível. Por isso, sem o outro, o ser humano não é capaz de vivenciar a experiência de se tornar sujeito, e o que interessa ao sujeito é ser e não parecer, sendo assim, o outro não desempenha apenas o papel de modelo e de espelho, ele acaba por mostrar ao sujeito quem ele é, o que possibilita que o sujeito reconheça a si mesmo como tal. É dito que quem se identifica, acaba se apropriando, de um modo inconsciente, do traço do outro a partir do desejo de se tornar sujeito tanto quando o outro é e não sujeito como é o outro.

Hall¹⁴, examinando as definições de identidade e o caráter da mudança na modernidade tardia, distingue três concepções diferentes de identidade, sendo elas: sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Resumidamente, o sujeito do Iluminismo está baseado em um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo o seu “centro” consistia num núcleo interior que emergia do seu nascimento e com ele se desenvolvia, continuando essencialmente o mesmo ao longo de sua existência. Sendo assim, o centro essencial do eu a identidade do sujeito.

O sujeito sociológico, apresenta uma visão onde a identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade, sendo assim, ele ainda apresenta um núcleo ou essência interior, mas ele passa a ser formado e modificado num diálogo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção, está ligada entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público.

Já o sujeito pós-moderno, é dito como não possuindo uma identidade fixa, essencial e permanente. Nele a identidade torna-se uma “celebração móvel”, que é formada e transformada

¹³ LEITÃO, Lúcia. *Onde coisas e homens se encontram: cidade, arquitetura e subjetividade*. Editora: Annablume, 2014.

¹⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Editora: DP & A, 11ªed., 2006.

continuamente em relação pelas quais o sujeito é representado diante dos sistemas culturais que os rodeiam, onde ela é definida historicamente e não biologicamente. Sendo assim, o sujeito nessa concepção, assume identidades diferentes ao longo da vida, sendo elas não unificadas ao redor de um “eu” coerente.

O autor, nessa mesma obra, dentre algumas conceituações, diante o seu segundo descentramento, que vem da descoberta do inconsciente por Freud, nos diz que:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2006, p.38-39, grifo nosso)

Esses apontamentos feitos por ele, tem como o intuito de mapear as mudanças conceituais de sujeito e identidade da modernidade tardia e da pós-modernidade, juntamente com descentramentos do sujeito, que ele divide em cinco, diante dos avanços na teoria social e nas ciências humanas.

Pollak¹⁵, sobre as questões de identidade, diz que o processo de memória possui uma ligação fenomenológica estreita com o sentimento de identidade, a partir disso, fala que a pessoa passa a adquirir ao longo da vida a imagem sobre si mesma, a imagem que constrói, se apresenta e é percebida diante dos outros. Nesse processo ele diz:

Nessa construção da identidade – e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise – há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.5)

Por isso, pelo fato de assimilar identidade social à imagem de si, ele fala que nenhuma pessoa pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação

¹⁵ POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992.

em função dos outros. Diante da qual, a construção da identidade trata-se de um fenômeno que se produz em referência aos outros, a partir dos processos de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade que se faz através de negociação direta com os outros.

Já como fenômenos de projeção e transferências, que podem acontecer a partir de uma memória individual ou coletiva, o autor descreve que dentre as várias caracterizações da memória, tem-se a memória seletiva (onde nem tudo fica gravado, registrado) que é em parte herdada, onde sofre flutuações diante a função do momento em que ela é articulada. Quanto às preocupações do momento, diz-se que constituem um elemento de estruturação da memória, o que também é equivalente para as relações de memórias coletivas. Ele assim nos fala, que a memória como um fenômeno construído, possuem modos de construção que podem ser conscientes como inconscientes, tendo assim quando se trata de uma memória herdada, um processo de ligação fenomenológica entre a memória e o sentimento de identidade.

Pollak, nessa mesma obra, ainda nos diz que a memória se trata de um elemento constituinte do sentimento de identidade individual e coletivo, sendo um fator de extrema importância para o sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo para a reconstrução de si. Já no seu texto “Memória, Esquecimento, Silêncio”¹⁶, o autor fala que a memória é a operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, o que se integra nas tentativas de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais. Para isso, a referência ao passado acontece para se manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, por isso, a memória possui também o sentido da identidade individual e do grupo.

Santos¹⁷, sobre as questões de memória, diz que ela é um processo de revelação e desvelamento, onde seus conteúdos passam por simbolização (individuais e coletivas), pelo imaginário, pela cultura e seus traços, pela sensibilidade e seus rastros. Além de ser um processo de representação, a memória é também uma narrativa, que pode ser vista como reconhecimento de uma imagem do passado, onde se diferencia da história, pelo fato de se ocupar pelos processos de rememoração e lembranças que (re) integram subjetivamente ao passado, que não se volta de forma objetiva, mas que se representa nas imagens da memória quase que sem rupturas.

¹⁶ POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.3, n.3, 1989.

¹⁷ SANTOS, N.M.W. Memória como narrativas do sensível: entre subjetividade e sensibilidade. In: GRAEBIN, C.M.G. e SANTOS, N.M.W. (Orgs.). *Memória Social: questão teóricas e metodológicas*. Canoas: UnilaSalle, 2013.

Para Nora¹⁸, memória é a vida que carregada por grupos vivos, está permanentemente em evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações e vulnerável a todos os usos e manipulações. Trata-se de um fenômeno sempre atual, que possui um elo vivido no presente, que instala a lembrança no sagrado e se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto.

Já Pomian¹⁹, nos diz que a memória é uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada. Sendo assim, trata-se de estados do sistema nervoso provocados a partir das relações entre o homem em contato com os seres, objetos ou acontecimentos, que subsistem ainda quando o elemento que os originou desapareceu há um período de tempo mais ou menos longo. Ela assim permite que o ser humano volte no tempo, mantendo-se no presente e relacionando-se com o passado, o que possibilita compreender o passado, diante de recordações, imagens e relíquias.

Partindo-se para a psicologia social, Bosi²⁰, sobre a memória, citando P. Nora, diz que ela se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto, na qual ela parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais. A autora, a partir dos pensamentos de Bergson, diz que a memória é a alma da própria alma, sendo assim, ela trata-se da conservação do espírito pelo espírito, por isso, ela é o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas, onde é do presente que parte-se o chamado ao qual a lembrança responde. Diante análise, ainda em referência a Bergson, ela diz:

Bergson procede a uma análise interna diferencial porque o passado se conserva, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 2004, p.37-38)

Sendo assim, para a autora, somos todos presas alternativas ou da memória-hábito ou da memória-sonho nas diferentes épocas da vida.

Essas conceituações teóricas expostas, têm com o intuito para além da nossa compreensão diante os termos, em se buscar relacionar como os mesmos estão intimamente ligados ao sujeito, tendo neste estudo, o foco sujeito e a cidade, qual a sua relação diante as

¹⁸ NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*. In: Les lieux de mémoire. Tradução autorizada pelo Editor: Editions Gallimard, 1984.

¹⁹ POMIAN, Krzystof. Memória. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: *Imprensa Nacional, Casa da Moeda*, 2000. V.42 (Sistemática), p.507-516.

²⁰ BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. Editora: Ateliê Editorial, 2004.

mudanças nos espaços físicos, mais especificamente ainda tendo a área de estudo o Centro Histórico do município de Cuiabá, onde buscamos identificar a relação para além do espaço físico, partindo das questões relativas à subjetividade, que compreende o inconsciente do sujeito, o que é primordial para nós, pois nos mostra e nos faz entender as ligações sentimentais do sujeito diante aos processos de mudanças na área.

Sobre essa premissa, do inconsciente e a cidade, Elia²¹, nos diz que não é só de setores que a cidade é feita, sendo assim, ela é feita de espaços, histórias, lugares, marcas que constituem a realidade de um sujeito, que é sempre psíquica, subjetiva, interna e externa. Por isso, o território da cidade que interessa a um sujeito não está somente na região em que ele vive, mas no conjunto de espaços que, ao longo do tempo de sua vida, construíram sua história subjetiva. Parte-se assim, que o território seja o fragmento do outro, que, como tal, inclui o sujeito e só se define por relação a ele. Articulando a cidade e o inconsciente, o autor nos fala que há as cidades, as muitas cidades que nos dizem respeito a um inconsciente, sendo ele referente ao de cada um dos sujeitos, sendo assim, a cidade do inconsciente é utópica, o que não significa ser ideal ou virtual, mas sim, dotada de concretude que pode se dizer que não é imediatamente localizável, que requer a intervenção do sujeito, de sua palavra e de seu ato para surgir.

Pallasmaa²², fala que não existimos apenas na realidade espacial e material, que também habitamos nas realidades culturais, mentais e temporais, por isso, as construções humanas têm um papel importante, pois elas possuem como tarefa de se preservar o passado, o que nos permite compreender o continuum da cultura e da tradição. Ele nos fala, que nós entendemos e lembramos aquilo que somos por meio de nossas construções, que são tanto materiais quanto mentais, sendo assim, as edificações representam uma narrativa da cultura e da tradição, que carregam uma significância, onde toda paisagem e toda edificação é um mundo condensado de representação microcósmica de nosso lugar dentro dele. Quanto referente a arquitetura e a memória, ele nos diz:

As edificações atuais, bem como as imagens meramente lembradas e as metáforas, servem como importantes mecanismos da memória: em primeiro lugar, elas materializam e preservam a passagem do tempo e a tornam visível; em segundo, elas concretizam a lembrança ao conter e projetar as memórias; e, em terceiro, elas nos estimulam e inspiram tanto a recordar como a imaginar. Memória e fantasia, recordação e imaginação, são relacionadas entre si, e as relações sempre têm conteúdo situacional e específico. Aquele que não consegue se lembrar, tem muita dificuldade

²¹ ELIA, Luciano. Inconsciente e cidade. In: *Psicanálise e intervenções sociais*. Editora: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2011.

²² PALLASMAA, Juhani. *Essências*. Editora: Gustavo Gili, 2018.

para imaginar, pois a memória é o solo da imaginação. A memória também é o terreno da identidade pessoal: somos o que lembramos. (PALLASMAA, 2018, p.15-16)

Sendo assim, o autor expressa, que os prédios conseguem manter as nossas sensações, sendo elas, de pesar ou êxtase, melancolia ou felicidade, como também de medo e esperança. Pois as nossas recordações são um apanhado de memórias espaciais e situacionais, que se tratam de lembranças que são conectadas a lugares e eventos. O autor vai nos dizer, que há uma inter-relação entre o mundo e a identidade pessoal, como também entre o campo externalizado da lembrança e da personalidade.

Diante disso, ele nos diz que o modo de existência humano ocorre a partir do mundo das possibilidades, que é moldado pela capacidade humana de lembrança, fantasia e imaginação, sendo assim, vivemos em mundos mentais onde o material e o espiritual, como também o vivenciado, lembrado e imaginado se confundem com uma certa frequência. É por isso, que o espaço existencial e vivenciado se estrutura na base dos significados, intenções e valores, que são refletidos sobre ele por um indivíduo, podendo ele ser de modo consciente como inconsciente, que o leva a possuir uma característica única interpretada por meio da memória e da experiência do sujeito. A partir do exposto, ele ainda nos fala que internalizamos o entorno ao mesmo tempo que projetamos os nossos próprios corpos no entorno, onde memória e realidade, percepção e sonho se fundem, é como dizer “vivo em uma cidade, e a cidade vive em mim”. Por esse fato, a paisagem e as edificações, para além de instrumentos de memória, são também amplificadores de emoções, onde as construções podem reforçar diversas sensações, como de pertencimento ou alienação, convite ou rejeição, como de tranquilidade ou desespero. Por fim, nos é dito que, as nossas identidades pessoais não se tratam de objetos e coisas, mas sim, são elas processos dinâmicos que se constroem diante o núcleo da tradição cultural herdada.

3. CUIABÁ, UM CONTO SOBRE SUAS ORIGENS



Fotografia antiga da região central de Cuiabá. Fonte: @cuiabadeantigamente.

Neste capítulo, apresentaremos um breve histórico sobre a origem do município de Cuiabá, bem como nos tópicos adiante, pontuaremos sobre a história do seu centro histórico, as legislações existentes para com a região e por fim mostraremos algumas permanências e transformações que aconteceram ao longo dos anos no local.

No período da colonização da região Centro-Oeste do Brasil, dada através das bandeiras e monções de expedições armadas, que saíram da Capitania de São Paulo e para cá vieram em busca de mão de obra indígena, bem como a procura de metais e pedras preciosas, diante a descoberta do bandeirante Pascoal Moreira Cabral para com os itens de procura da expedição, foi fundado o Arraial da Forquilha (primeiro nome dado ao povoamento) no dia 8 de abril de 1719, no perímetro das proximidades do Coxipó do Ouro. Foi no ano de 1722, a partir da busca de dois índios que saíram do local em busca de mel, onde os mesmos, acabaram encontrando uma grande quantidade de ouro no leito do córrego da Prainha, região das proximidades onde hoje se encontra a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Nesse mesmo ano, perto das proximidades do córrego da Prainha é construída a Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Foi diante a descoberta do ouro que uma grande quantidade de aventureiros para cá vieram, o que acarretou no crescimento do arraial. Com isso, no sentido de disciplinar a região e recolher o imposto à Coroa portuguesa, mandaram para o local o então Capitão-general da Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, com a sua vinda, no dia 1 de janeiro de 1727, houve a elevação do então arraial à categoria de Vila, sendo assim denominada Vila Real Bom Jesus de Cuiabá, onde posteriormente no ano de 1748 foi então criada a Capitania de Cuiabá, nesse período foram concedidas isenções e privilégios a coroa portuguesa que por ali quisessem se instalar.

Figura 01: Ilustração da vista da cidade de Cuiabá no século XVIII.



Fonte: Museu de Imagem e Som de Cuiabá - Misc, 2015.

Foi somente no dia 17 de setembro do ano de 1818 que a Vila é elevada à categoria de cidade, e em 1835 é oficializada como capital da província de Mato Grosso. Nesse período algumas melhorias urbanas são realizadas na região, como em 1839 onde algumas ruas centrais passaram a ter iluminação com lampiões a base de óleo de mamona, já em 1860 quase todas as ruas ali do local foram calçadas em pedra-cristal.

O município teve um crescimento lento. No período do império, a cidade cresce em direção ao Porto, que acaba emendando-o com o centro. Em termos populacionais, de acordo com o primeiro censo nacional realizado em 1872, a população urbana de Cuiabá era de 16.212 moradores, que na época apresentava uma população maior que a do município de São Paulo. Significativamente, a cidade teve suas transformações mais expressivas a partir do final dos anos 1930 e início dos anos 1940, que foi dada diante as chamadas obras oficiais, como a abertura da Avenida Getúlio Vargas, a construção da Casa dos Governadores, Hotel Central, o Cine Teatro Cuiabá, bem como as construções de outros prédios da administração estadual. Nesse período, as construções realizadas respeitavam o núcleo histórico da cidade, elas foram feitas nas áreas de expansão da região. Foi no período do final dos anos 1950, juntamente com os anos 1960 e 1970 que aconteceram intervenções que vieram a descaracterizar o centro histórico da cidade, mais adiante iremos falar sobre essas transformações. Hoje em dia, para além das mudanças no seu traçado urbano, a cidade possui uma população urbana de 650.877 moradores, segundo o censo de 2022, ressalta-se aqui que em algumas décadas houve um aumento populacional significativo, no entanto em outros períodos houve uma estagnação, como podemos ver na tabela abaixo.

Tabela 01: Quadro Demográfico de Cuiabá.

POPULAÇÃO		
ANO	URBANA	TOTAL
1872	16.212	35.987
1900	-	34.393
1920	-	33.678
1940	-	54.394

POPULAÇÃO		
1960	-	56.828
1980	197.982	212.984
1996	426.903	433.355
2000	476.178	483.044
2022	-	650.877

Fonte: Elaborado pela autora a partir do livro Centro Histórico de Cuiabá: Patrimônio do Brasil e IBGE, 2005;2024.

Cuiabá é a capital do Estado de Mato Grosso, fica na região central do Brasil e está localizada na região centro sul do estado, apresenta uma área de aproximadamente 4.327,220 km², possui em seu território três tipos de biomas que são a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal, no entanto, grande parte do seu território é predominado pelo cerrado.

Figura 02: Localização de Cuiabá no estado de Mato Grosso.



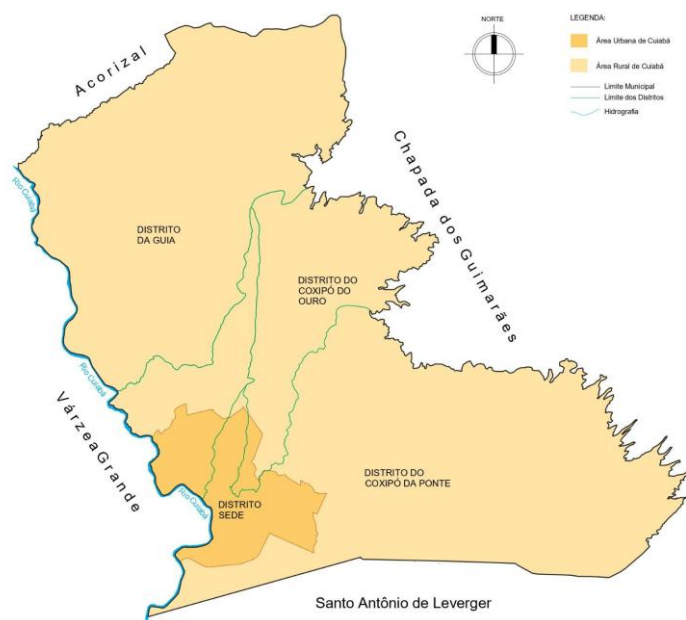
Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

A cidade fica às margens do Rio Cuiabá, que é afluente do Rio Paraguai, possui um clima tropical úmido e é conhecida como uma das regiões mais quentes do país, tem uma temperatura média de aproximadamente 27°C, mas frequentemente a temperatura bate os 40°C nos meses mais quentes.

Com relação ao significado do nome da cidade, há várias versões que explicam como ele foi originado. Há uma lenda que nos diz que um moço português que fazia parte da bandeira de Pascoal Moreira Cabral, foi beber água no rio e a cuia que levava para pegar a água escapou

de sua mão e desceu rio abaixo. No momento que a cuia ia descendo o rio, ele gritou aos companheiros “Cuia ba”, querendo falar “Cuia vá”, onde na pronúncia portuguesa acabou trocando o “v” pelo “b” e assim nasceu o nome do rio, que veio mais tarde a dar o nome a cidade. No entanto, muitos dizem que o nome da cidade é de origem bororo (etnia indígena originária da região, de grande influência na cultura regional), que vem da palavra “ikuiapá”, que quer dizer: ikúia, flecha arpão; pá, lugar (lugar da flecha arpão), que vem de uma localidade onde se pesca em flecha arpão; de uma localidade onde antigamente os bororos pescavam com a flecha arpão, correspondente na foz do ikuiébo, popularmente conhecido como córrego da Prainha, que vem a ser afluente do rio Cuiabá. Outros dizem que o nome é a variação da palavra “kyyaverá”, de origem tupi guarani que significa rio da lontra brilhante. Por isso, há grandes indícios que o nome da cidade seja advindo da variação e da sonorização das palavras indígenas.

Figura 03: Cuiabá, seus distritos e cidades limites.



Fonte: Mapa do município de Cuiabá - SMDU/DUP (2010), editado pela autora, 2025.

Outro fato relevante sobre o município, é que ele se encontra na parte mais central da América do Sul, sendo assim ele é o centro geodésico da América do Sul, é dito popularmente como o coração da América do Sul. Cuiabá, faz limite com as cidade de Várzea Grande, Santo Antônio do Leverger, Chapada dos Guimarães e Acorizal; bem como também possui quatro distritos ao longo de seu território, sendo eles: Distrito Sede (área urbana de Cuiabá), Distrito Coxipó da Ponte, Distrito do Coxipó do Ouro e Distrito da Guia (esses três últimos distritos na área rural de Cuiabá).

3.1 O Centro Histórico, berço da cuiabania

Após esse breve contexto histórico de origem da cidade, podemos ver que o seu Centro Histórico faz parte do núcleo de origem da cidade, sendo assim, o local possui as características das edificações bem como o traçado urbano desde a época de sua fundação, sendo ele um local que guarda grande parte do patrimônio construído que ainda existem dos séculos XVIII, XIX e XX, onde se mantém o traçado urbano colonial e onde localiza-se a história do surgimento da cidade, sendo uma região de grande expressão cultural do município, por isso ele é carinhosamente chamado de berço da cuiabania pela sua população tradicional.

Cuiabá até o final da década de 1950 apresentava uma característica tipicamente colonial, até esse período sua arquitetura tradicional era bem conservada. No entanto, houve diversas intervenções que ocorreram no final de 1940 na cidade, como a abertura da Avenida Getúlio Vargas, a construção do Grande Hotel, do Cine Teatro Cuiabá e entre outras construções levantadas naquela época, só que as mesmas respeitaram o traçado da cidade e logo foram assimiladas a ela. Foi no final dos anos 1950, que grandes obras começaram a descaracterizar a sua área central, isso se deve ao fato de que para as novas construções acontecessem, as antigas edificações de grande representação para a cidade fossem demolidas, como foi o caso da demolição do antigo Palácio Alencastro e dos imóveis neoclássicos que existiam naquela quadra, bem como também a demolição da antiga Igreja Matriz. Com o seu crescimento populacional aumentando expressivamente a cada ano, houve uma onda de demolições e de intervenções urbanas na região central do município, que vieram a descaracterizar a área até meados dos anos 1970 e 1980, essas modificações acarretaram problemas para além do espaço físico, como podemos ver na seguinte descrição:

Pode-se afirmar que o Centro é a própria história da cidade. Seu espaço urbano e arquitetura dão-lhe personalidade histórico-cultural e conferem-lhe identidade. No entanto, o desenvolvimento experimentado por Cuiabá nos últimos anos vem exercendo forte pressão sobre o Centro da cidade. O atual crescimento acelerado vem provocando a descaracterização de praças e da arquitetura, além da alteração das relações entre seus componentes. (CONTE E FREIRE, 2005)

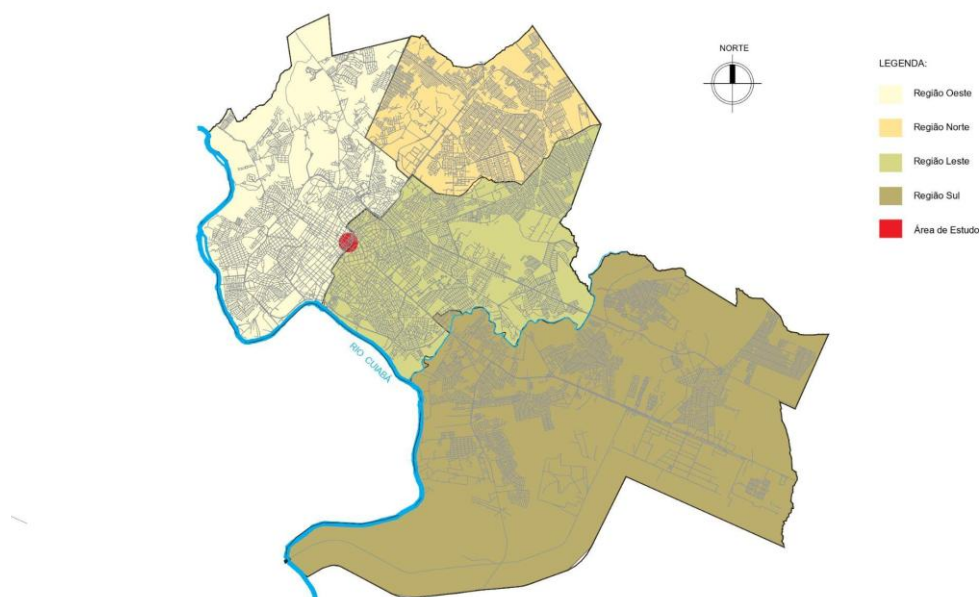
Como meio de frear essa descaracterização que estava acontecendo na região e como meio de preservar, de recuperar as edificações e seu traçado urbano, em novembro de 1992 foi homologado o tombamento do Centro Histórico de Cuiabá. O tombamento da área, vem a garantir valores históricos e culturais do centro da cidade, sendo ele também um importante instrumento para a preservação da memória da cidade e do centro-oeste do país. A área protegida totaliza 62,7 hectares, sendo 13 hectares na área de tombamento e o restante na de

entorno, ao todo são cerca de 400 imóveis protegidos na área de tombamento e 600 imóveis na área de entorno. Para além de seus casarões de estilo colonial, há também nessa área edificações de estilos neoclássico, eclético, neocolonial, art-déco, neogótico e modernista.

3.2 Recorte ao Objeto Empírico e suas legislações

O município de Cuiabá, tem o seu território dividido em quatro regionais, sendo elas: a região norte, a região leste, a região oeste e a região sul. O seu Centro Histórico está presente na divisa das regiões oeste e leste, como podemos ver no mapa abaixo:

Figura 04: Localização da área de estudo, dentre as regionais do município.



Fonte: Mapa das regiões administrativas de Cuiabá - SMDU/DUP (2007), editado pela autora, 2025.

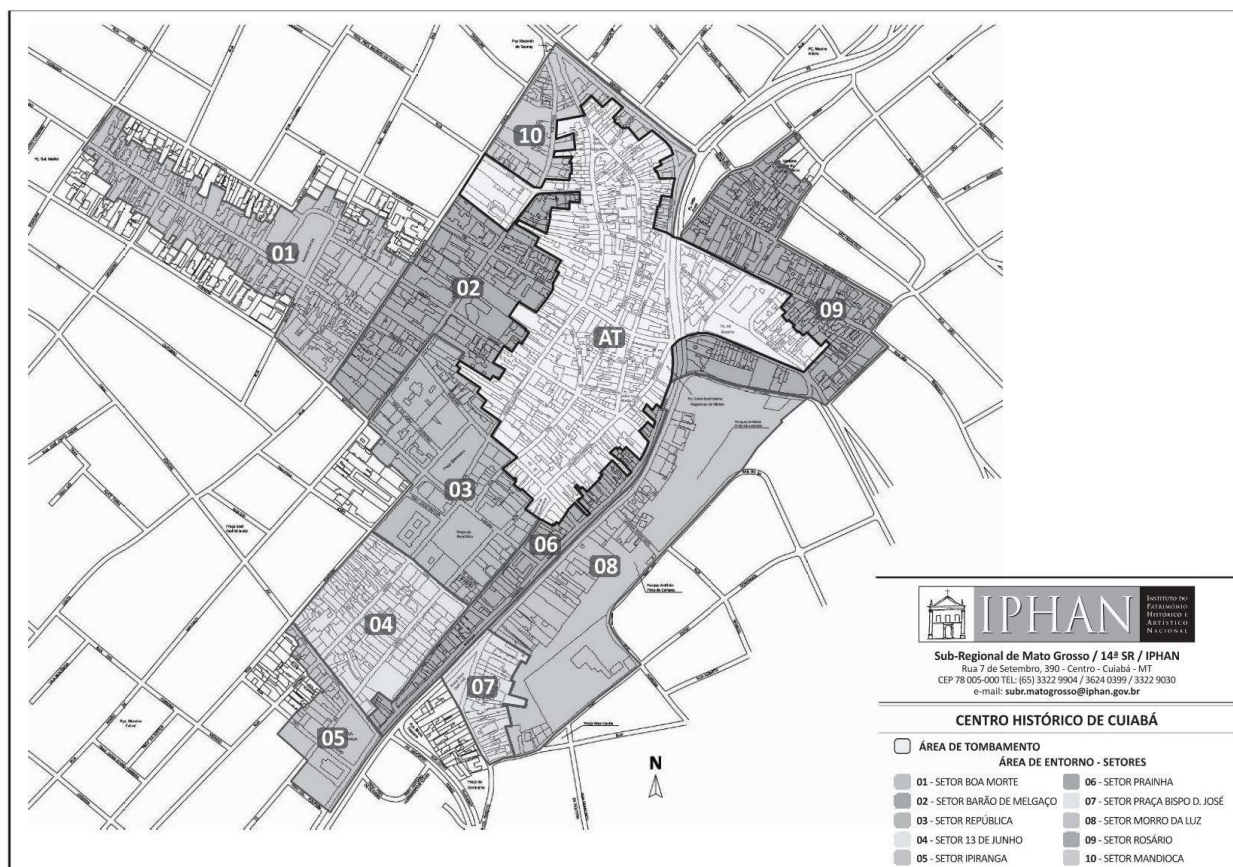
São várias as instruções normativas existentes sobre a área em questão, no entanto, valem aqui ressaltarmos algumas pontualmente, para melhor compreendermos um pouco mais sobre o local em questão. No decreto da lei federal Nº 25, de 30 de novembro de 1937, em seu capítulo I, que fala do patrimônio Histórico e Artístico Nacional, diz em seu art. 1º - Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Já em seu capítulo III, que fala dos efeitos do tombamento, em seu art. 17º diz que -

As coisas tombadas não poderão, em caso nenhum, ser destruídas, demolidas ou mutiladas, nem, sem prévia autorização especial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ser reparadas, pintadas ou restauradas, sob pena de multa de cinquenta por cento do dano causado.

Quanto em relação a instrução normativa do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade de Cuiabá, sua normatização regulamenta e estabelece para a área em questão, em seu art. 1º e parágrafo 1º diz que - A realidade físico-territorial correspondente ao patrimônio imóvel sob proteção federal, a que se refere o *caput* deste artigo, é compreendida como o meio ambiente urbano, natural e construído, representativo da soma dos períodos históricos da cidade de Cuiabá, desde 1722, com a descoberta das minas do Rosário, até os dias de hoje. A área total sob proteção abrange a área de Tombamento e também a do Entorno, com características complementares por sua proximidade, compatibilidade, ou como componente da leitura espacial e ambiental, ou, ainda como referência do contexto histórico-cultural de Cuiabá. Seu art. 3º, fala que dentro da área de tombamento federal serão preservadas o traçado urbano, a topografia natural do conjunto, as edificações em sua integridade, as áreas privadas e não edificadas, os logradouros e a integridade visual dos espaços de uso público. Já seu art. 7º, fala que nas áreas de entorno serão preservados o traçado urbano, as volumetrias e as proporções de ocupação do solo existentes.

Outro artigo relevante a se destacar, diante da mesma instrução normativa do município, é o art. 13º, que sobre a área de entorno do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade fica dividido em setores, onde cada setor terá critérios e normas específicas para a sua proteção e preservação, que serão classificados por critérios tipológicos, históricos e de uso. Sendo eles: setor Morro da Luz, setor Praça Bispo Dom José, setor Prainha, setor Rosário, setor Boa Morte, setor Barão de Melgaço, setor Praça da República, setor 13 de junho, setor Praça Ipiranga e setor Mandioca. Como podemos observar no mapa a seguir:

Figura 05: Mapa Centro Histórico de Cuiabá, mostrando a sua área tombada e sua área de entorno em setores.



Fonte: Retirado do livro Patrimônio Histórico de Cuiabá, 2010.

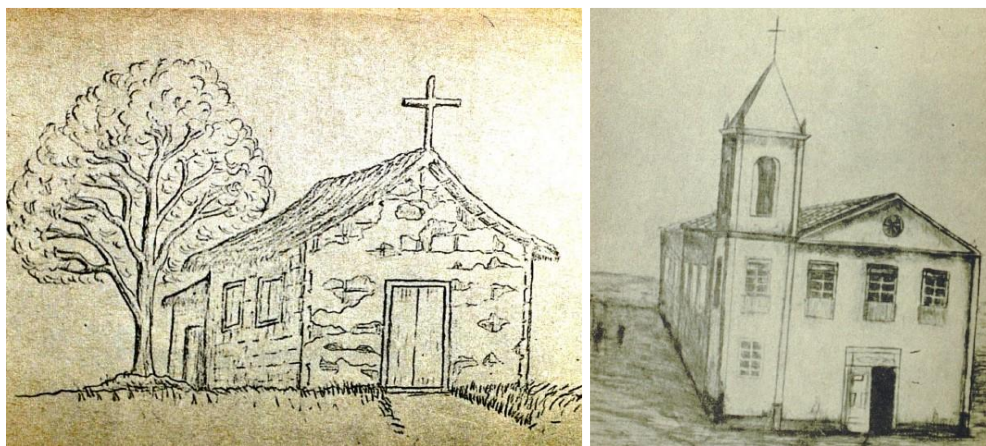
3.3 Permanências e Transformações no Centro Histórico de Cuiabá - MT

No tópico anterior, podemos conhecer um pouco sobre a área de estudo e algumas das legislações existentes para a sua preservação e proteção. Neste tópico, iremos falar um pouco sobre as intervenções e transformações que foram acontecendo no perímetro do local ao longo dos anos, desde a sua fundação até os dias atuais. Como foram grandes as mudanças que aconteceram na região ao longo dos anos, iremos apresentar e mostrar algumas dessas alterações, as mais significativas, que veio a causar um rebuliço na capital.

A Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá, também conhecida como Igreja da Matriz e como Catedral, foi erguida no ano de 1722 em pau-a-pique e cobertura de palha, já em meados de 1739 o Padre João Caetano ressaltando a necessidade de uma igreja mais condizente com a prosperidade do lugar, construiu outra que ficava no mesmo lugar da antiga, só que feita de

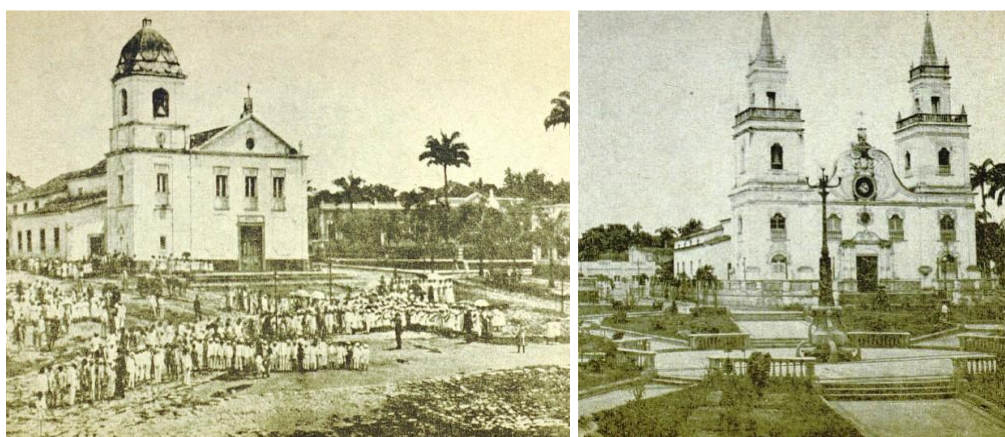
taipa socada. Já no ano de 1771, o frei José da Conceição Passos d'Arcos, ergueu a primeira torre da igreja em forma de pirâmide, que foi conservada até 1868 quando sofreu outra alteração na sua fachada e na torre pelas mãos do arquiteto italiano Tortorolli, houve mais mudanças em 1920, onde acrescentaram outra torre e fizeram significativas mudanças na sua fachada. No entanto, a intervenção maior veio acontecer em 1968 quando a igreja foi totalmente demolida e substituída por uma nova igreja, de arquitetura totalmente diferente das anteriores, essa foi e é considerada uma das maiores perdas para o patrimônio cultural tanto para a cidade, quanto para o estado. A nova igreja foi inaugurada no ano de 1973 e mantém a mesma até os dias de hoje.

Figuras 06 e 07: Desenhos representando a Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá no período colonial e imperial, respectivamente.



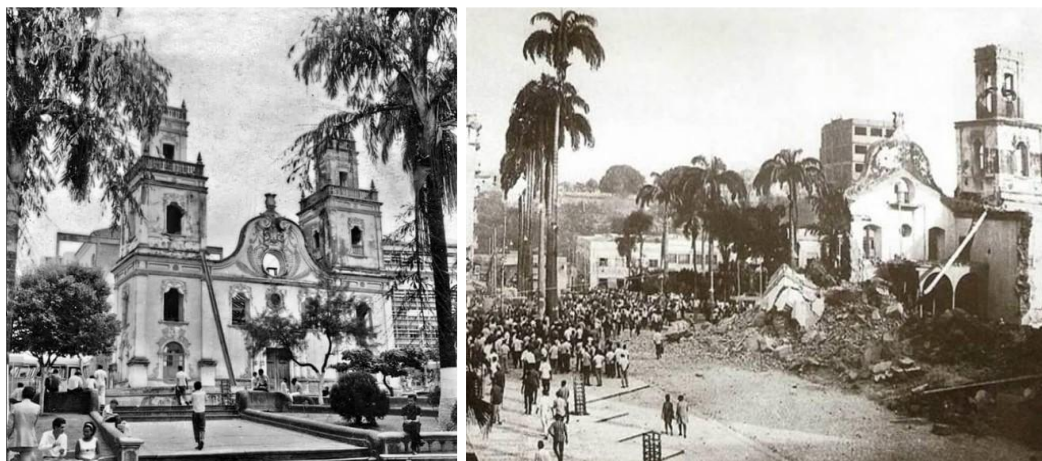
Fonte: Retirada do livro Igrejas e Sobrados de Cuiabá, Mendonça, 1978.

Figuras 08 e 09: Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá em 1914 e 1940, respectivamente.



Fonte: Retirada do livro Igrejas e Sobrados de Cuiabá, Mendonça, 1978.

Figura 10 e 11: Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá, nos anos de 1960 e quando foi demolida, respectivamente.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025.

Figuras 12 e 13: Vista da atual Igreja Senhor Bom Jesus de Cuiabá.



Fonte: Da autora, 2025.

Outra igreja que passou por algumas mudanças ao longo dos anos, também presente na região, foi a Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, erguida às margens do córrego da Prainha, na área onde se originou a cidade, é considerada a igreja mais antiga remanescente da origem da cidade. Foi no ano de 1722, como meio de assegurar um espaço sagrado para a manifestação de sua crença religiosa “...levantaram os pretos uma Capelinha a São Benedito no lugar que depois seria chamado “Rua do Sebo”. Tal construção caiu em pouco tempo e não foi mais levantada”. Os devotos e a irmandade de São Benedito, foram posteriormente

amparados pela igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde passaram a usufruir do seu espaço físico como também terem seus direitos reconhecidos pela irmandade do Rosário, com isso, a irmandade cresceu e atingiu proporções que não se imaginava. Vale ressaltar que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, faz parte dos monumentos tombados em Cuiabá pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que a considerada como sendo:

A igreja – é considerada a mais antiga igreja remanescente de Cuiabá- é um dos marcos da fundação de Cuiabá, construída em arquitetura de terra em torno de 1730, próximo ao córrego da Prainha, onde Miguel Sutil descobriu as minas de ouro que impulsionaram a colonização da região. A fachada típica da arquitetura colonial brasileira guarda a decoração barroca-rococó nos altares, com rica talha dourada e prateada, única com esses detalhes no Brasil. (CONTE E FREIRE, 2005)

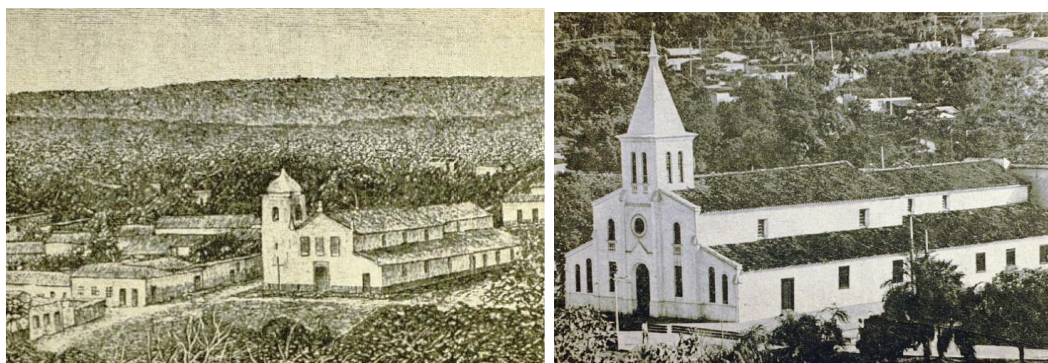
Antes de seu tombamento, há registros que mostram as várias características que a igreja teve ao longo dos anos, até os dias de hoje. Um desenho representando a cidade em 1790, mostra a igreja com um aspecto típico de capela bandeirista, na qual as terminações das torres se davam com esteios aparentes e uma cobertura com um telhado em quatro água, tendo somente uma única porta na sua fachada. Já no século XIX e início do XX, ela aparece com a terminação da torre em uma cúpula de meia laranja e janelas rasgadas no coro. Entretanto foi nos anos de 1920 que aconteceu a sua alteração mais impactante, foi acrescida a igreja uma postiça fachada neogótica, bem como construída uma torre pontiaguda central rodeada de janelas em ogiva. Foi somente após os anos 1975, com o seu tombamento que após estudos, foi reconstituída a antiga fachada e a torre original da igreja, que é mantida até hoje.

Figura 14: Desenho representativo da Igreja do Rosário e São Benedito em 1790.



Fonte: Retirado do livro Patrimônio Histórico de Cuiabá, 2010.

Figuras 15 e 16: Imagem da Igreja do Rosário e São Benedito nos anos de 1884 e 1978, respectivamente.



Fonte: Retirada do livro *Igrejas e Sobrados de Cuiabá*, Mendonça, 1978.

Figuras 17 e 18: Imagens da Igreja do Rosário e São Benedito atualmente.



Fonte: Da autora, 2023 e 2025.

A outra grande transformação que ocorreu no centro histórico de Cuiabá, foi com relação ao Córrego da Prainha, atual Avenida Tenente Coronel Duarte. Como já falamos anteriormente, foi às margens desse córrego que a cidade se originou e se expandiu. Há relatos de que antigamente ali as pessoas nadavam, pescavam, lavavam suas roupas e havia também circulação de pequenas embarcações em seu percurso, no entanto com o passar dos anos e com aumento populacional, foram realizadas algumas mudanças no local.

Durante o século XIX, foram realizadas obras de despejo de dejetos na região, o que veio a acarretar o assoreamento do curso d'água, ocasionando na não navegabilidade em seu córrego, passando a ser atravessado por pontes e pinguelas em sua extensão, para a passagem

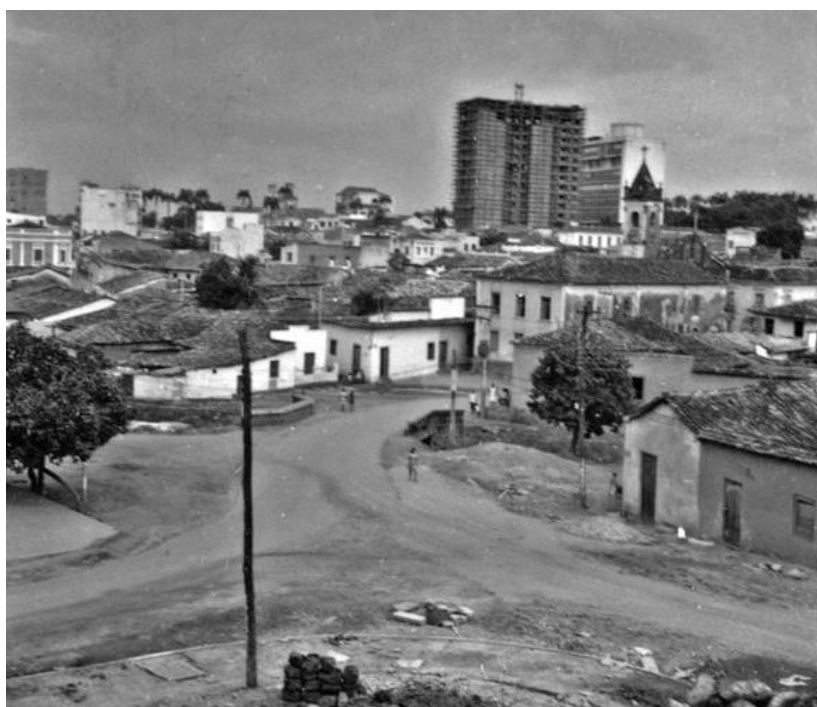
de pedestres, dando assim o processo de início da canalização do córrego. Nos anos de 1960 e 1970, mais obras foram feitas na região, o que acabaram por canalizar o córrego em praticamente toda a sua extensão, deixando apenas alguns trechos próximos à nascente descobertos, podemos ver um pouco desse processo nas imagens abaixo.

Figura 19: Imagem do Córrego da Prainha em 1940.



Fonte: Biblioteca IBGE.

Figura 20: Imagem vista da Prainha e do Centro Histórico, 1968.



Fonte: Biblioteca IBGE.

Figura 21: Imagem da Prainha e vista de parte da praça Ipiranga, década de 1970.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025.

Figura 22: Imagem do período de canalização do córrego da Prainha.



Fonte: Instagram @cuiabadeantigamente, 2025.

Figura 23: Imagem atual da Av. Tenente Coronel Duarte, a Prainha.



Fonte: Da autora, 2025.

Foram várias as transformações que aconteceram ao longo dos anos na região, a seguir apresentaremos imagens de antes e depois de algumas edificações e espaços públicos que passaram por mudanças expressivas, bem como também as suas permanências.

Figura 24: Antiga vista da Avenida Getúlio Vargas, sentido descendo.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025.

Figura 25: Antiga vista da Avenida Getúlio Vargas, sentido descendo.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025.

Figura 26: Atual vista da Avenida Getúlio Vargas, sentido descendo.



Fonte: Da autora, 2025.

Figura 27: Vista do antigo Hotel Centro América.



Fonte: Biblioteca IBGE.

Figura 28: Vista de outro ângulo do antigo Hotel Centro América.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025.

Figura 29: Atual vista de onde ficava o Hotel Centro América.



Fonte: Da autora, 2025.

Figura 30: Vista da antiga Praça Alencastro.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025.

Figura 31: Vista da antiga Praça Alencastro.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025.

Figura 32: Atual vista da Praça Alencastro.



Fonte: Da autora, 2025.

Figura 33: Antigo Palácio Presidencial, onde hoje fica o Palácio Alencastro.



Fonte: Biblioteca IBGE.

Figura 34: Palácio Alencastro na década de 1970.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025.

Figura 35: Imagem atual da vista do Palácio Alencastro, sede da Prefeitura de Cuiabá.



Fonte: Da autora, 2025.

Figuras 36 e 37: Imagens antigas do Grande Hotel, em períodos diferentes.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025.

Figura 38: Imagem atual do Grande Hotel.



Fonte: Da autora, 2025.

Figuras 39 e 40: Imagem antiga e atual da Igreja Nossa Senhora da Boa Morte.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025; e da autora, 2025.

Figuras 41 e 42: Imagem antiga e atual do Palácio da Instrução.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025; e da autora, 2025.

Figuras 43 e 44: Rua Galdino Pimentel antes e atualmente, respectivamente.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025; e da autora, 2025.

Figuras 45 e 46: Imagem antiga e atual da Praça da Mandioca.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025; e da autora, 2025.

Figura 47: Imagem antiga da Rua Voluntários da Pátria com a Igreja Senhor dos Passos ao fundo.



Fonte: Instagram @cuiabaantiga, 2025.

Figura 48: Imagem atual da Rua Voluntários da Pátria com a Igreja Senhor dos Passos ao fundo.



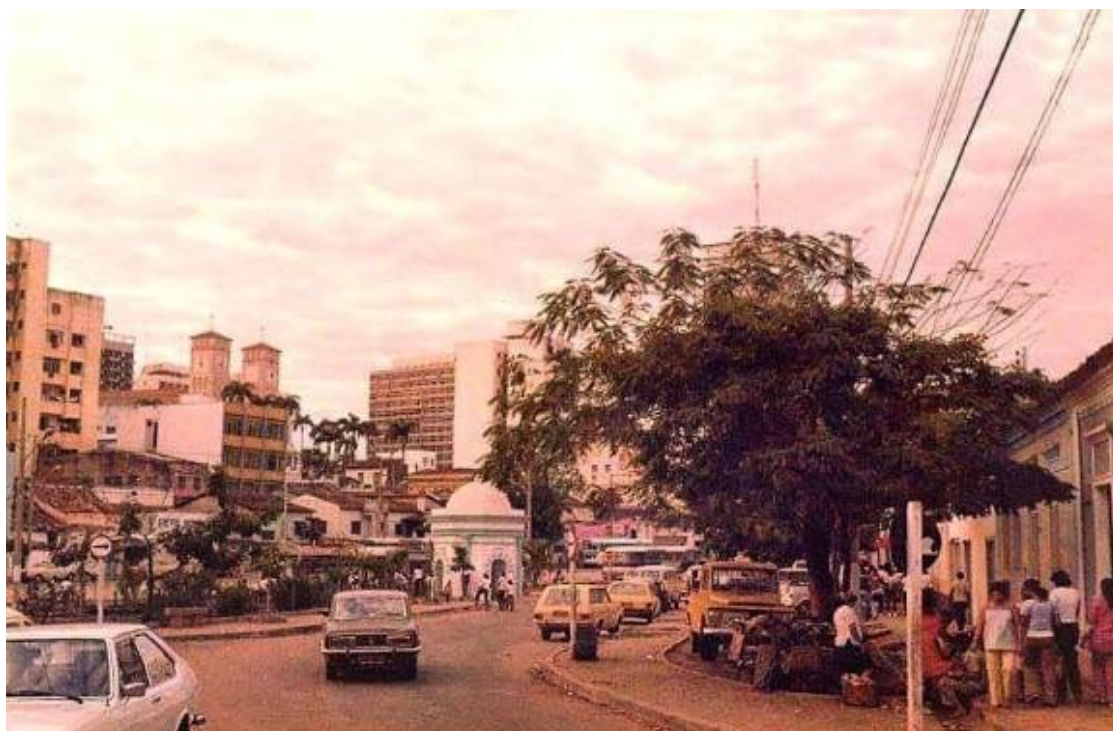
Fonte: Da autora, 2025.

Figura 49: Imagem chafariz do Mundéu 1940.



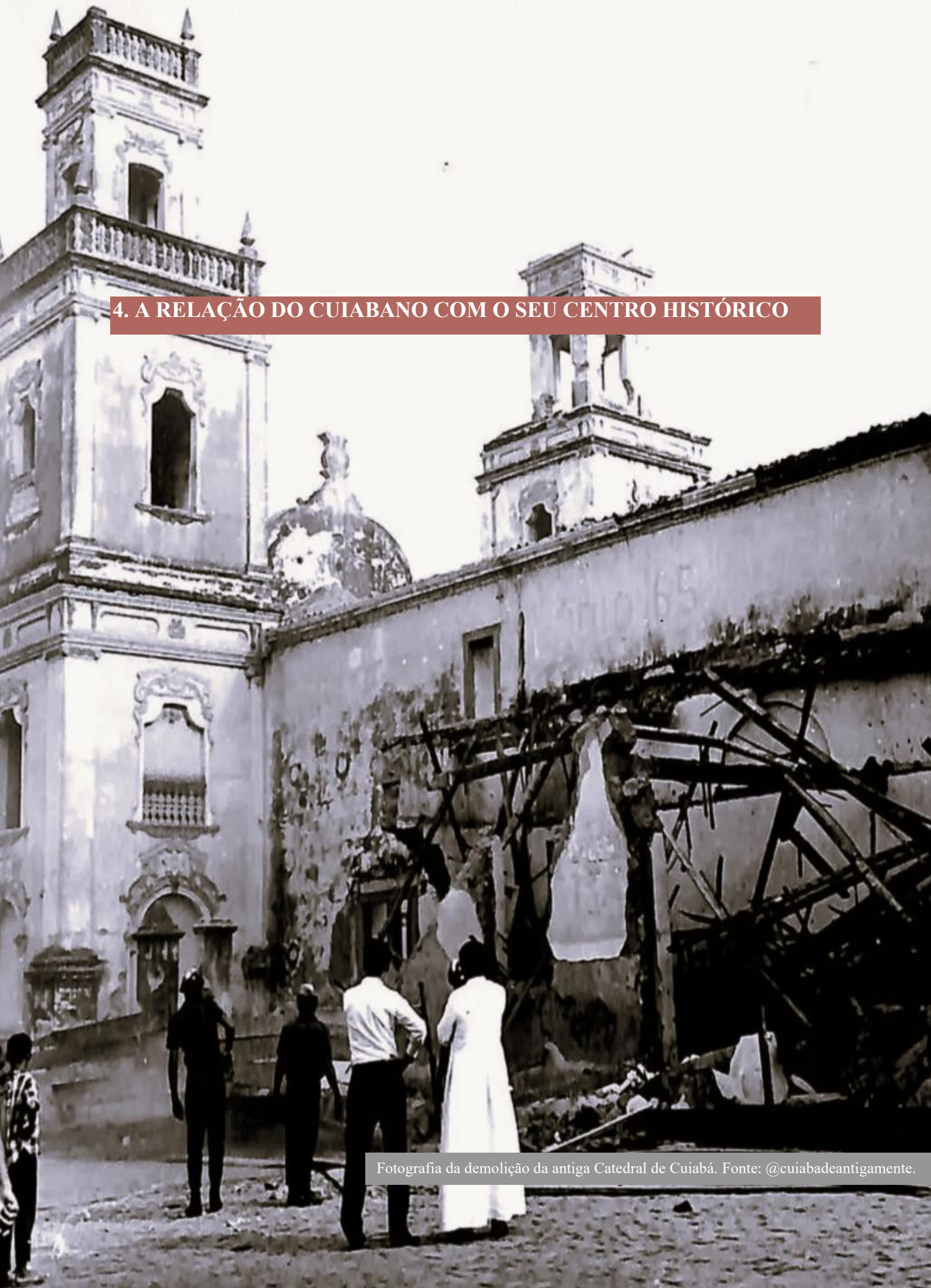
Fonte: @cuiabaantiga, 2025.

Figura 50: Imagem Praça Bispo Dom José, chafariz do Mundéu ao centro da imagem, década de 1970.



Fonte: @cuiabaantiga, 2025.

4. A RELAÇÃO DO CUIABANO COM O SEU CENTRO HISTÓRICO



Fotografia da demolição da antiga Catedral de Cuiabá. Fonte: @cuiabadeantigamente.

Como meio de identificar qual a relação que a população cuiabana tem para com o seu centro histórico, apresentaremos a seguir a transcrição das entrevistas realizadas preferencialmente com a população nascida ou que para cá vieram na infância e foram criadas no município. Para uma melhor compreensão diante a relação dos habitantes para com o local ressalta-se que as entrevistas foram realizadas individualmente com pessoas de faixa etárias diferentes, a princípio os entrevistados seriam pessoas dos 20 aos 75 anos de idade, mas no desenvolver da pesquisa entrevistamos pessoas dos 24 até 98 anos de idade. De início o intuito era de trabalhar com faixas etárias diferentes, tendo como objetivo de conseguir detectar se as relações quanto aos sentimentos que as pessoas possuem estão se alterando ou não, diante aos processos de mudanças no local ao longo dos anos. No entanto, ressalta-se que no processo de realização das entrevistas acabamos trabalhando com uma faixa não tão diversa, tendo trabalhado com um número maior de entrevistados acima dos 60 anos. Os entrevistados foram contactados a partir de indicação dos próprios entrevistados ao longo do processo, por isso, reconhece-se que mesmo não tendo como uma especificação inicial, as pessoas com as quais acabamos trabalhamos, todas com exceção de uma que está em vias de conclusão de curso, possuem ensino superior completo, bem como desencadeou em termos entrevistado pessoas de famílias conhecidas no município.

Ao todo realizamos dez entrevistas, do tipo semi-estruturadas, elas foram feitas a fim de se intervir o mínimo possível no decorrer da entrevista, por isso o foco foi de se lançar uma pergunta chave para os entrevistados e eles falassem tudo aquilo que viesse a cabeça deles diante a frase: O Centro Histórico de Cuiabá. Antes de lançarmos a pergunta chave, pedimos para que os entrevistados falassem o seu nome completo, a idade, a profissão e dizer se os mesmos eram nascidos e criados em Cuiabá. Durante as entrevistas, após a fala do entrevistado sobre a palavra chave que lançamos, fizemos também as seguintes perguntas: 1- Você possui algum tipo de relação, de vivência para com o local em questão? 2- A área representa algo para você? 3- Que tipo de sentimento você tem para com o local atualmente? 4- Você tem alguma história, experiência que vivenciou ou até mesmo se lembra de algo que aconteceu nesta área em questão que tenha te marcado? 5- Você vê a área como um lugar de importância para a cidade? 6- Você sente que a sua relação com o lugar mudou ao longo dos anos?

Para preservar a identidade dos entrevistados, utilizamos de pseudônimos para os mesmos, bem como também se destaca que as falas a seguir, foram transcritas exatamente como os entrevistados falaram, então pode haver traços de um linguajar próprio do município.

4.1 O que dizem os cuiabanos

Começaremos descrevendo a entrevista de Juliana, estudante de medicina de 24 anos, nascida e criada em Cuiabá, que atualmente mora em outra cidade para fazer seus estudos, mas vem sempre para cá nas suas férias. Diante a frase lançada “O Centro Histórico de Cuiabá”, ela logo se lembra do colégio em que fez seu ensino fundamental e médio, diz que na época o seu colégio realizava passeios para conhecer o centro histórico da cidade. Após isso, começa a falar que acha a área uma representação de monumento para a cidade, que sempre vê que muitas pessoas que vêm para conhecer o município, principalmente antigamente, iam bastante lá para conhecer a área e um pouco da história da cidade.

Sobre os passeios na época de colégio pela região, ela se recorda que foi feito um tour pelo local, onde os professores iam passando pelas ruas, edificações históricas e iam contando um pouco da história do local, o que era determinada edificação antigamente, mas que não se recorda muito bem do que eles contaram na época. Nessa parte da entrevista ela nos diz:

O tour pela região foi mais para conhecer, porque assim a gente pode ter nascido ou pode ter sido criado em Cuiabá, mas às vezes a gente nem conhece alguns lugares ou nunca nem tínhamos ido, eu mesma, eu acho que nunca nem tinha ido antes da escola para lá, antes eu nunca tinha parado por lá para conhecer os lugares. Isso eu tinha uns 8 anos de idade, que eu fui conhecer de fato, porque antes eu só passava por lá. Antes do passeio da escola a minha relação com a região era de passagem, estava na rua dentro do carro e ia para algum lugar que era ali perto e passava por ali, até para ir para minha escola passava por lá, ou para ir ali na Igreja Matriz. As vezes que eu passeava ali no centro era quando estava com a minha mãe, quando nós tínhamos que comprar alguma coisa que tinha mais barato no centro, mas era mais isso mesmo. (JULIANA,2024)

Após o expresso perguntamos para ela, se tivesse que descrever em palavras o tipo de sentimento que tem para com o local, qual seria ele e se o sentimento que tinha para com ele é o mesmo que tinha antigamente ou mudou. A entrevistada nos diz, que hoje em dia ela não frequenta mais a região como na sua época de escola, onde frequentava bastante por que era perto da escola e que como estudava em período integral acabava indo almoçar ali com seus amigos, que eles aproveitavam também para passar pelas lojas. Ela nos diz que gostava de ir lá com seus amigos, pois iam de grupo e andavam de bando, que é uma recordação boa que ela tem, mas que não frequenta mais a região também pelo fato de não morar mais por aqui, só quando vem nas férias é que às vezes ela vai juntamente com a mãe, quando elas têm que comprar alguma coisa em específico, mas é bem rápido, fora isso passa por ali quando vai a igreja que é a caminho dali.

Passados alguns minutos em silêncio Juliana nos diz que acha a região um lugar de importância para a cidade, nesse momento ela nos fala:

Acho que não temos como falar em Cuiabá e não associarmos com a região do centro histórico, tipo assim, é como se tivéssemos que fazer um turismo em algum lugar e tivéssemos que conhecer o ponto histórico do lugar, ali é tipo assim, é uma área histórica mesmo, eu não sei, mas sabe quando uma cidade acabou de ser construída e tem a praça, a igreja e aí a gente acaba construindo as coisas no entorno dessa região, então eu acho que ali é assim. Ali é um ponto de identidade da cidade, é uma representação de Cuiabá, meio que a cidade cresceu ali ao redor, a cidade foi mudando e tudo mais, mas ela continua ali, daquele jeito. (JULIANA, 2024)

Quando perguntamos se havia na área alguma mudança que para ela foi significativa, ela de prontidão descreve o ponto de ônibus perto da igreja Matriz, fala que achou interessante a nova instalação que fizeram lá com ar condicionado e tudo, pois antes era um ponto de ônibus que só tinha uma cadeira. Outro ponto levantado foi o fato de ali na região terem sido feitos estacionamentos nas ruas que tem que se pagar, sendo um ponto negativo, já que antigamente não se cobravam e dava para estacionar ali tranquilamente. No mais, ela acha que as lojas por ali continuam do mesmo jeito, há algumas casas antigas que possuem sua arquitetura preservada, mas que tem muitos lugares na região que estão meio que abandonados, onde antigamente se tinha casarões antigos e bem conservados, hoje em dia é só uma casa qualquer que está abandonada, o que acaba sendo centro hoje em dia de usuários de drogas e de traficantes, por isso, quando passa atualmente por esses lugares ali na área, fica num estado de atenção que não tinha antigamente.

Outro fato narrado durante a sua entrevista, foi a de que antigamente ela também frequentava mais a região pelo fato que sua avó ali trabalhava, sendo assim, ela ficava bastante naquela região, bem como juntamente com o seu avô, que também trabalhava por ali. Embora ela ficasse mais no ambiente de trabalho dos seus avós, ela se recorda que era um lugar de boas lembranças, pois tinha mais contato com os avós, na época a sua avó ainda era lúcida e lhe contava como eram as coisas por ali antigamente. Voltando para a questão de sentimento para com a área, nesse momento da entrevista ela nos fala que a região expressa meio que uma ligação com a sua infância, por esse fato, ela tem para com a área uma relação de carinho e afeto, mas que hoje em dia ela tem um sentimento meio que de medo misturado com tristeza, devido ao estado atual em que o local se encontra, de abandono.

Por fim ela constata durante a entrevista, que possuía uma relação diferente para com a região de acordo com as pessoas que ela estava, pois quando estava com seus amigos do colégio sua relação era mais de passagem, já quando estava com os seus avós era diferente, pois eles

sempre lhes contavam histórias sobre a região, lhe mostravam os casarões dali e falavam quem tinha morado ou o que funcionava em algumas edificações, sempre tinham algo para dizer a ela, diante disso nos é dito:

Quando estava com meus amigos por ali, nós passeávamos e ficávamos conversando, não reparamos muito as coisas por lá, já quando estava com os meus avós era diferente, sempre me mostravam e contavam histórias sobre a área. Tipo eu não sabia que por ali tinha uma edificação que foi considerada como sendo a do primeiro shopping da cidade, quem me contou isso foi o meu avô, tipo daí eu passo por ali e sei porque foi ele quem me contou, mas se fosse andando com os meus amigos, eu não ia saber, acho que eles nem deveriam saber e ia ficar por isso mesmo, eu acho legal saber das coisas, tipo o que era tal local, quem morou e como tá agora. Eu acho importante saber como eram as coisas, por que hoje em dia está tudo muito diferente, mais moderno, mas tudo começou de alguma forma né, então eu acho que ali é uma representação de como tudo começou, temos que lembrar das nossas raízes e eu acho que essa região é tipo a raiz de Cuiabá. (JULIANA, 2024)

Diante dessa região do centro histórico de Cuiabá, a entrevistada finaliza a sua fala nos dizendo que acha que a área tem que ser preservada, mas que ela deveria ter um uso, que tem que se dar um uso para os casarões para não ficar assim do jeito que está hoje em dia, tudo abandonado.

Nosso próximo entrevistado foi o João, engenheiro civil aposentado de 68 anos, nascido e criado em Cuiabá. Quando lançamos a frase “O Centro Histórico de Cuiabá”, ele de cara nos diz que o centro histórico de Cuiabá fez parte da sua infância, da sua juventude e também da parte da sua vida adulta. Ele recorda que se lembra perfeitamente que nessa região, na sua época de adolescência, era praticamente habitado por moradores de famílias tradicionais da cuiabania, só que com o passar dos anos, o centro comercial foi se transformando e hoje passou a ser praticamente de 90% de pessoas que ali habitam são de comerciantes. Ele nos descreve que transitava muito por ali, já que naquela época Cuiabá era uma cidade pequena, então o movimento era grande ali naquela região, sobre a área ele fala:

Me lembro que antigamente as ruas eram calçadas em paralelepípedo, ali nas ruas Cândido Mariano, Galdino Pimentel, Pedro Celestino, Ricardo Franco e a Rua Campo Grande. Na região também circulava um bonde que saía lá da praça da Mandioca, que era puxado por burro, então é isso que me vem na lembrança, na minha memória. Além disso, eu tinha muitos amigos e colegas de colégio que moravam nessas ruas, que eram apelidadas pelos cuiabanos de rua de baixo, rua do meio e rua de cima. A rua de cima era a rua Pedro Celestino, a rua do meio era Ricardo Franco e a rua de baixo era Galdino Pimentel, nós tínhamos do outro lado próximo da rua da Igreja da Matriz, a rua Antônio Maria, que hoje também faz parte ali do centro histórico, que também era calçada em paralelepípedo e no entorno da igreja era tudo calçado também em paralelepípedo e tinha iluminação, na época ainda tinha uns postes metálicos que fazia a iluminação pública. Já a praça Alencastro em frente da atual prefeitura era ponto de encontro da juventude na época, aos domingos tinha a missa, que na época era celebrada pelo arcebispo Dom Orlando Chaves, aí a juventude saía da missa e ia para a praça colocar os assuntos em dias. Eu frequentava constantemente

ali a região no dia-a-dia, mas era no sábado e no domingo que a gente se reunia e ia para sorveteria, na Seror, tomar um sorvete, na outra sorveteria Ibia, que ficava na rua Cândido Mariano, ia na lanchonete Super Havaí lanche, tinha também a pastelaria do Quido ali na rua do meio, era de um japonês, era super movimentado na época, então basicamente era isso aí. Além do mais, tinha também a praça da República, em frente da catedral, onde o pessoal também se reunia ali, na frente dos correios e telégrafos. A rua 13 de julho também, que é considerado hoje o centro histórico, era calçada de paralelepípedo. Tinha também a rua Antônio João, que o pessoal falava que era a rua dos porcos, pela proximidade do canal da Prainha e parece que tinha algum pessoal que criava porcos no quintal das casas, por isso apelidaram de rua dos porcos. É isso que me vem à cabeça, quando penso no centro histórico. (JOÃO, 2024)

Após descrever em detalhes o centro histórico que lhe vem à mente, o entrevistado nos diz que infelizmente com o crescimento da cidade, foram se perdendo alguns tipos de relacionamentos que a população tinha para com o local. Primeiramente, com a transformação diante ao crescimento da cidade, muito dos moradores antigos da região foram morar em apartamentos ou em bairros estritamente residenciais, isso acabou acarretando no aumento do comércio no centro histórico da cidade, sendo assim, acabou-se a interação que existia antigamente entre os cuiabanos, moradores ali dessa região, como também de outras regiões. A interação que existia entre a população com a área, foi se perdendo com o tempo e hoje infelizmente o centro histórico é afetado diretamente com os moradores de ruas, andarilhos que infelizmente muitos deles acabam sendo captados pelas drogas. Para o entrevistado, esse fato colabora para parte dessa região ter nos dias de hoje, um grande número de assaltos, arrombamentos de residências e de comércio. Isso colabora também para a perda daquele convívio, daquela interação que tinha que existia antes entre a população e a área, hoje em dia aos domingos você quase não vê mais famílias reunidas ali na praça Alencastro, nem na praça da República, por esse motivo de insegurança.

Após o exposto, o entrevistado nos descreve o tipo de sentimento que possuía para com a área antigamente e qual é o sentimento que tem para com a mesma atualmente, nos dizendo que:

Antigamente eu tinha com a área um sentimento de amizade e companheirismo, conhecimento também para com as pessoas que ali circulavam. Hoje eu círculo na área central, eu vejo que tudo isso se perdeu, dificilmente a gente se encontra com aquele pessoal, infelizmente essa é a realidade atual. Você ainda encontra com a cuiabania, nas festas de Santo, ali na catedral, ali na igreja São Benedito, que é quando os cuiabanos antigos, os remanescentes, ainda podem se encontrar e se comemorar. Eu tenho um sentimento, muito grande, quando eu ando ali nas ruas do centro histórico, com relação às memórias, cada ponto que círculo na rua de baixo, rua do meio, rua de cima, Cândido Mariano, eu relembro das pessoas que ali moravam, que eram amigos também, porque os filhos dos patriarcas que ali moravam, alguns deles foram meus colegas, então essa saudade, esse sentimento de vazio quando a gente anda por ali, bate na gente, a gente sente isso. (JOÃO, 2024)

Ele também nos diz que vê a grande importância que a área representa para a cidade, já que a mesma possui uma importância histórica. Nessa parte da entrevista, ele fala sobre a parte tombada do centro histórico, que vê com bons olhos o tombamento da área, mas crê que os setores governamentais, principalmente o IPHAN, após o tombamento, tem que possuir recursos para restaurar e recuperar as edificações que fazem parte da história da cidade. Hoje em dia, ele andando pelo centro a alguns dias, viu alguns casarões que foram ali restaurados e dados a eles uma nova finalidade, que isso faz parte do resgate da memória da Cuiabá antiga. Ainda sobre a importância representativa da área, ele nos diz:

Aquela região é a vida da cidade, foi ali onde ela se originou. Todos nós somos passageiros, mas as gerações futuras precisam saber como a cidade surgiu, como que era tudo, como era também a convivência entre os cuiabanos, da população antiga, quem circulava ali, quem vivia, as pessoas que faziam redes por exemplo, elas circulavam por ali vendendo para as famílias mais tradicionais, o pessoal que fazia doce de leite, doce de goiaba e o furrundu²³, eles iam vender para as pessoas ali naquela região, que era onde moravam as pessoas mais abastadas. O pessoal que fazia a carne seca, eles iam vender na área central, o leite, não tinha leite pasteurizado, era leite em natura, então muitas vezes eles traziam no lombo do burro, outras vezes em carroças e depois naquelas caminhonetes antigas com os tambores de leite e vendiam no litro, todo mundo vinha com suas garrafas, eles pegavam um funil e colocavam o litro, muitos vendiam fiado para pagar só no fim do mês, era tudo na caderneta, quer dizer que era um tipo de comércio de confiança entre o fornecedor e o comprador. Eu ainda vejo que o local, ele representa a identidade da população, não sei se todo mundo sente isso, mas eu como cuiabano sinto isso, porque ali ainda tem alguns pontos onde a população mais antiga se reúne, eles vão ali para conversar, tem alguns comércios por ali que já são tradicionais. Existe ainda algum apelo de alguns moradores com a região, inclusive pela cuiabania mais antiga que vem lutando pela restauração dos imóveis, infelizmente tem alguns cuiabanos que não pensam dessa forma, eles querem demolir aquilo que está ali antigo por causa da especulação imobiliária, então eles pensam, para que eu vou querer uma coisa velha, vou derrubar para vender ou construir uma galeria, um edifício, aí isso acaba por se perder mais ainda a identidade da cidade, mas como dentro dessa delimitação do centro histórico, hoje para você construir tem várias regulamentações, para reformas você tem que pedir autorização, eu mesmo, já restaurei uma edificação na rua Pedro Celestino seguindo as especificações do IPHAN. (JOÃO, 2024)

Quando perguntamos se havia na área alguma mudança que para ele foi significativa, primeiramente o entrevistado nos fala sobre as questões referentes à área tombada do centro histórico. Diante ao tombamento, ele vê que existem duas vertentes, a primeira é a de que o IPHAN veio no sentido de agregar e dar proteção para aqueles imóveis dessa parte tombada, já que se tombou é por que ali tem algo importante, tem algum valor cultural, no entanto, ele nos fala diante a sua segunda vertente, que já que o IPHAN é responsável pela fiscalização dos imóveis que estão dentro da área do patrimônio histórico, eles deveriam ter mais recursos

²³ Doce típico da culinária cuiabana, feito do pau do mamoeiro ou mamão verde, rapadura, canela, cravo e gengibre.

financeiros para ajudar o proprietário que não tem condições de restaurar o imóvel, para ele de fato restaurar ao invés dele tentar depredar o imóvel, porque segundo ele, já teve casos que por exemplo, na praça da Mandioca, que o proprietário mandou destelhar o imóvel para que o tempo chuvoso fizesse infiltração nas paredes e ela vir a ruir, foi só aí que o IPHAN interferiu e recuperou o imóvel. Segundo o entrevistado, acaba que a especulação imobiliária fala mais alto, porque tem muitas propriedades ali da região que já vieram de heranças, então alguns dos proprietários, já não possuem aquele vínculo que os pais, os avós tiveram, para esses novos proprietários existe até uma dificuldade de manter as edificações, por isso, muitos preferem vender.

O entrevistado, ainda nos conta que chegou a participar de algumas intervenções que aconteceram na região, como por exemplo na praça da República, mais precisamente o projeto de restauração da praça, onde o projeto foi executado de forma a procurar se manter as mesmas características e o mesmo projeto de quando foi construída, sendo assim, procurou-se não mexer nas muretas, nos coretos, nas luminárias e no calçamento. No entanto ele nos fala que, o trabalho de calçamento em pedra portuguesa na época, foi por imposição do prefeito na época, porque ele queria a pedra portuguesa, mas na realidade ali era para ser feito com um tipo de tijolo maciço no piso, aí posteriormente eles tiraram e colocaram cimentado e logo depois veio as pedras portuguesas que estão lá até hoje.

É descrito pelo entrevistado, algumas intervenções que para ele vieram em benefício para a cidade e a população, por exemplo na rua de baixo, rua do meio e parte da rua Cândido Mariano, que se transformou exclusivamente em um calçadão, fechando-se assim para o trânsito de veículos e sendo apenas de circulação para pedestres, ficando o acesso de veículos somente para acesso às ruas para reposição de estoque das lojas que ali existem. Por esse fato, João descreve que essa intervenção foi benéfica, pois permite que a população que vai fazer as suas compras ou alguém que vem conhecer a cidade tenha mais tranquilidade para fazer os seus passeios e suas compras, apreciando também algumas edificações de época. Por outro lado ele nos fala também que houve alguns imóveis, algumas praças que foram reformadas sem um olhar atento do urbanista para a preservação, citando como exemplo a praça Alencastro, que hoje possui calçamento em um tipo de piso polido, sendo que antigamente era calçada em ladrilho hidráulico, o que acarreta em uma diferença muito grande, além do mais, havia também na praça Alencastro um coreto que foi retirado de lá, onde antigamente, aos domingos, as bandinhas faziam apresentações, era banda do exército, da polícia militar e outras bandinhas que tinham na cidade, o pessoal vinha e se instalava ali para tocar, isso acontecia após a missa, a população se reunia por ali, dali surgiram muitos namoros, noivados e casamentos. Esse

coreto foi retirado da praça e foi levado para a praça Ipiranga, aí no local onde antes ficava o coreto, foi construído um novo coreto estruturado, com pilares, uma cobertura em laje e se perdeu aquela característica de antes. Houve também a construção da fonte luminosa na praça Alencastro, construída anos depois, que também veio servir como atrativo e mudou um pouco da característica da praça.

Outra intervenção realizada nessa mesma praça descrita pelo entrevistado, foi a da construção do terminal de ônibus, onde ele diz:

Na frente da praça fizeram um terminal de ônibus, que eu achei um absurdo aquilo lá, porque praticamente tiraram a visão da praça de quem passa por ali pela Avenida Getúlio Vargas. As pessoas que ali passam agora veem aquele terminal tipo em container enfeando a praça, a praça que é bonita, bela e bem tratada, aquilo ali não era o local mais adequado para eles instalarem um terminal de ônibus. A praça Ipiranga por exemplo, ela foi totalmente descaracterizada, eu me lembro que ela foi reformada em parceria, a prefeitura aprovou o projeto que pra mim não foi o projeto mais adequado a ser feito ali, porque teriam que preservar e manter as características dela, o que não aconteceu, acabou que ali perdeu um pouquinho da memória, para quem a conheceu antes sabe que houve uma alteração. Outra coisa é o córrego da prainha, ele antigamente era a céu aberto, com o passar dos anos veio um projeto de fechamento desse córrego, ali era um córrego de água limpa, onde muitas vezes os cuiabanos, a molecada também, ia ali pescar lambari, ali tinha peixe, só que com o crescimento da cidade o córrego começou a receber lançamento de esgoto sem tratamento, então transformou-se, em vez de um córrego com água limpa passou a receber uma água suja proveniente do esgoto, então acharam por bem fechar o canal da prainha. Inclusive eu trabalhei nessa obra, mas naquela época eu não tinha muita noção, da perda dessa identidade, estava em via de me formar em engenharia, aí me contrataram depois, no projeto fecharam o córrego da prainha, onde foram feitas todas as interligações das drenagens de água pluviais diretamente no canal. Eu queria colocar aqui sobre ele, porque a visão que a gente tinha do córrego da Prainha acabou-se, ali tinha toda uma vivência com esse córrego, ele dividia a cidade, tinha várias pontes ao longo dele onde a população passava sobre ele, então por exemplo nessas várias pontes, o pessoal nomeava as pontes, lembro que tinha uma ponte que o pessoal apelidou de ponte da confusão, ela ficava ali perto da igreja São Benedito, aí quem passasse por ali e não era morador da região eles meio que brigavam com o pessoal das outras regiões. Tinha também uma bica ali na Prainha, que ainda tem, mas antigamente com água praticamente mineral e o pessoal abastecia para consumo, era água tratada. O córrego também acabava amenizando o calor ali da região. (JOÃO, 2024)

Ainda sobre as mudanças e intervenções feitas nas região e que foram descritas por ele, foi o fato de hoje em dia ao andar pelo centro, praticamente tudo é calçado, antigamente existiam ali quintais antigos que tinham em quase todas casas da área, eram quintais que na verdade existia em quase todas as casas de Cuiabá de antigamente, neles se tinham pé de mangueira, pé de cajueiro, pé de pitombeira, pé de ata, pé de jabuticaba, todo mundo tinha seu canteiro de hortalça, tudo se plantava no quintal, neles também criava-se galinha, então essa parte da casa não era cimentada, então quando chovia ajudava a absorção da água e alimentava o lençol

freático, hoje o lençol freático é sacrificado. Voltando sobre a importância da área para a cidade, o entrevistado ainda nos diz que:

Acho importante preservar as coisas ali, é de extrema importância, porque você não pode abrir mão do passado para beneficiar o futuro, o futuro é interessante é importante, mas o passado também é. Então acho que o passado e o presente eles têm que caminhar juntos, em paralelo, o presente respeitando o passado e o passado respeitando o presente, tem que se ter um respeito. (JOÃO, 2024)

Após voltar-se sobre a importância da área, João descreve outros sentimentos que sente para com o local. Ele fala que às vezes quando passa em certos lugares ali no centro histórico e vê que derrubaram alguma edificação para fazer estacionamento, ele acha um grande absurdo, que o faz ficar entristecido, já que algumas dessas casas eram de pessoas conhecidas que ali moravam, sendo assim, quando as vê sendo derrubadas é como se as coisas meio que se perdessem, e passassem a ser só uma lembrança guardada na memória. Diante disso ele faz a seguinte reflexão:

Assim é a vida, acaba que muitas coisas para as pessoas conhecerem, elas vão acabar infelizmente tendo que ir pesquisar nos arquivos públicos, mas se tivessem mantido e preservado, seria uma história viva. Tem alguns exemplos claros de história viva, por exemplo o museu da imagem e do som, que era um casario antigo que foi restaurado como era antigamente, é aberto ao público. No entanto, ali ao lado, bem próximo também a sede do IPHAN, tem a livraria Pepê que foi uma das primeiras gráficas e livraria de Cuiabá, que por briga de herdeiros acabaram não dando manutenção a edificação e ela veio a ruir. Isso é uma coisa que jamais poderia ter acontecido, os estudantes antigamente, todos compravam seus materiais ali, era barato, era tradicional, hoje ele está lá ruído e aos pedaços. Tem imóveis ali também que estão escorados, por isso, eu vejo o seguinte, tem algumas ruas ali do centro histórico que deveriam ser fechadas, transformadas em calçadão, porque tem muito tráfego de veículos, é constantemente esse fluxo e ainda tem alguns veículos com cargas excessivas para trafegar ali na área central, que de certa forma acaba prejudicando a estrutura das edificações antigas, que não foram construídas para suportar essa carga, essa pressão do solo, esse movimento que tem ali, mas acho que isso ainda vai acontecer ali algum dia, vai depender de algum prefeito que tenha uma visão mais técnica, pois eu acho o seguinte, o gestor ele tem que ser um cara técnico, ou então se ele não for técnico que ele se cerque de técnicos com visão ampla de preservação e de futuro, fazendo um estudo mais amplo ali naquela região e tal. (JOÃO, 2024)

João termina sua entrevista falando que teve a felicidade de ver Cuiabá quando era uma cidade pequena, que quando foi fazer faculdade ele sempre pensava que iria se formar e não sairia daqui, a fim de ajudar no crescimento da cidade, que sempre teve isso com ele.

Nossa terceira entrevistada é Marina, professora aposentada de 73 anos, nascida e criada em Cuiabá. Diante a frase lançada no início da entrevista “O Centro Histórico de Cuiabá”, ela nos diz que sobre o local, o que lhe vem à mente é a Catedral, a antiga Catedral que foi demolida, pois acha que ela não deveria ter sido demolida, que a antiga edificação da igreja faz falta ali no centro histórico, porque para ela, a atual edificação não tem o que a outra tinha, não tem a antiguidade que a outra tinha, bem como também os traços da outra que condizia muito mais com a paisagem do centro. Sobre a presente edificação, ela nos diz que:

A partir do momento que mudaram a catedral, ficou esquisita aquela paisagem de lá. Hoje a gente já se acostumou com a atual porque já tem muitos anos, mas quem é daquela época relembra com saudade como poderia ter sido muito mais bonito se a antiga ainda estivesse ali. A antiga igreja era uma identidade da cidade, aí veio essa outra toda moderna, não tem nada ver com a criação da nossa capital, da época que ela foi criada, ela não tem essa identidade, eu acho que não tem. (MARINA, 2024)

Nos fala que na época da demolição ela não chegou de ver nada, mas seus pais lhe contaram que foi difícil para demolir, no entanto uma das desculpas utilizadas na época para a demolição foi a de que a igreja estava toda trincada, que poderia vir a ruir a qualquer momento, pois as paredes estavam com problemas seríssimos. Entretanto, na hora de demolirem, precisaram de uma quantidade enorme de dinamite para pôr a igreja abaixo, com isso ficou provado que não era bem aquilo o que falaram, que a mesma poderia ter sido reconstruída, recuperada diante os problemas, mas não demolida para se construir outra do zero. Marina ainda nos diz, que diante da situação, se recorda que na época eles chamaram a atenção para a arquitetura da nova edificação que viria a ser construída, dizendo que ela seria a modernidade, o que acabou acarretando na aprovação por parte da população, que acabaram vendo a nova construção como um símbolo de progresso, que algumas pessoas até falaram que não queriam ficar com a igreja velha, mas sim com a moderna, como se fosse mais chique e que fosse dar um valor melhor para a cidade, meio que a população foi levada a pensar assim. Depois que a atual igreja terminou de ser construída, o pessoal que tinha um entendimento um pouco melhor das coisas, meio que ficou chateado, pois na época nada fizeram, alguns se sentiram culpados, ficou uma mágoa, um vazio ali.

Para além da Catedral, outra lembrança que a entrevistada nos conta é a da época em que ainda estudava, ela estudou numa escola ali da região central, que ficava no Palácio da Instrução, que se recorda de um período que para ela foi muito legal, nos descrevendo da seguinte forma:

Eu lembro que minha sala de aula dava para a praça da República, a gente ficava vendo as coisas pela janela, naquelas janelas enormes, o prédio era maravilhoso, tinha uma biblioteca, era ótimo. Eu tenho uma boa recordação dali, naquela época não tinha tanta gente, no caso de drogados na praça, era uma coisa mais pura, as pessoas iam e sentavam na praça. Antigamente o pessoal ia bastante ali, para comprar as coisas nas lojas, as madames iam comprar os tecidos na casa Alberto, na época não tinha muita boutique, não tinha shopping, então as melhores lojas que tinham eram ali no centro. Eu andava muito ali no centro, Cuiabá antigamente era pequena, então não tinha insegurança, era tudo muito diferente, mesmo quando eu já estava na universidade, muitas vezes ia de ônibus até o centro e subia a Getúlio Vargas a pé, bem tranquilo, não era perigoso, andava numa boa, muita gente andava a pé, tinha muita coisa ali no centro, era um lugar legal de se ir. (MARINA, 2024)

Quanto em relação ao sentimento que ela possui para com a região, ela nos fala que possui um sentimento um pouco diferente para com o local, pois ela nunca deixou de ir ao centro, nem atualmente, pois para ela é como se fosse tudo igual, que assim como vai ao shopping atualmente ela também vai ao centro, e para ela tudo bem, mesmo as pessoas próximas lhe falando que não entende como ela vai ao centro, se não tem medo de ser assaltada. Nesse momento ela comenta durante sua fala, que para ela as coisas não são bem assim, que a região atualmente tem problemas como em qualquer bairro da cidade, não é assim tão tenebroso, mas que sim, ela sente saudades daquele tempo em que ela nem se preocupava com essa questão de insegurança. Sendo assim, ela diz:

A palavra, o sentimento que eu tenho ali com a região é a de saudade, saudade daquele tempo que andava ali sem nem olhar pra trás, sem saber quem tá por ali, era tudo muito mais natural, mais saudável. Hoje em todos os lugares você tem medo, mas também não é só no centro isso. (MARINA, 2024)

Quando perguntado se houve alguma mudança na área que tinha lhe chamado atenção, para além da demolição da Catedral, ela nos fala que acha que algumas edificações ali no centro histórico tombado, não foram conservados de fato, que já escutou de pessoas que moram ali na região e pediram uma ajuda para o IPHAN, mas que acabaram não tendo muita ajuda, então ali no local onde as coisas não foram conservadas, está meio que “a Deus dará”, bem deteriorado, o que acaba resultando na descaracterização de algumas edificações, que não condiz muito com o que era antigamente, que podia até não ser tão bem cuidado também em algumas épocas, mas que era bem arrumadinho, ajeitadinho, no entanto, com a falta de manutenção, algumas construções acabaram se deteriorando, foram ficando com aspecto abandonado. Marina, embora ache que a área seja um ponto muito importante, ela nota cada vez mais o descaso para com a região, nessa parte ela descreve:

Eu noto ali na rua de baixo, a casa Orlando, nossa está acabando lá, não tem ninguém morando, está tudo caindo, está horrível. Tem casas ali na região, que estão escoradas com madeiras há anos e ninguém faz nada, eu não sei o que acontece, se não tem verba, mas os órgãos também não fazem nada. Eu sinto uma tristeza, porque eu acho que todos esses órgãos ali têm dinheiro, pelo menos na minha impressão é que eles têm o dinheiro destinado para essas obras, mas é muito devagar o trabalho deles, quase parando. Isso acaba colaborando para o lugar estar assim do jeito que está hoje, tem muitos lugares ali que servem de abrigo para as pessoas que consomem e distribuem drogas, mas acho que se tivessem feito uma reforma ali, uma revitalização na área, ela não estaria do jeito que está hoje. (Marina, 2024)

Voltando-se para o sentimento que ela tinha para com a área, ela nos fala que ele é diferente do que tem hoje. Antigamente ela se sentia segura ao andar por ali, sentia prazer em andar, hoje ela já não sente isso, fica insegura, acha também que tem que ser feito um resgate na área, pelo fato do local ser de grande importância para a cidade, em um sentido também de identidade, para se guardar a história, pois um povo sem história não é nada. Diante ao estado atual na qual a área se encontra, ela nos fala que acha que é devido a ele, que houve uma mudança na relação que a população tinha para com o local. Sente que atualmente muitas pessoas não pensam muito em preservar as suas histórias, as suas raízes, que elas acabam pensando mais no aqui e agora, no seu modo de viver atual, com a tecnologia, com o que é moderno, não dando muito valor para o que é antigo. Por isso, ela acha importante preservar a área, como forma de mostrar a história para os que vem depois, contar a sua história, como que era a sua cidade, como as coisas foram surgindo, como que ela foi construída, etc.

Após a fala da entrevistada, a mãe de Marina, de 98 anos, que também estava sentada na sala escutando a nossa conversa, começou a descrever os seguintes fatos:

Eu acho que o centro mudou muito com o passar dos anos, antigamente eu andava mais naturalmente pelas ruas dali, hoje em dia eu tenho medo de ser assaltada e também tenho medo de tanta droga que tem por ali. Antigamente eu ia na praça ali passear, sentava e ficava por ali tranquilamente, vejo que o centro está ficando muito esquecido, pois fizeram muito desses shoppings pela cidade e acaba que o pessoal hoje em dia vai comprar as coisas mais nos shoppings do que lá no calçadão. Eu me lembro que frequentava bastante a praça da República, eu ia com minhas amigas e enchíamos todos aqueles bancos que tinham lá. (JOANA, 2024)

Diante da fala da sua mãe, a entrevistada, começa a recordar e descrever alguns fatos que se relacionam diretamente com o percurso da sua vida, onde nos diz:

Eu conheci meu marido ali na praça Alencastro, naquela época o hobby da moçada era ficar rodeando a praça, os rapazes ficavam em pé ao lado dos bancos, olhando as meninas passarem, e eu comecei a namorar o meu marido lá, uma amiga minha me apresentou e nós ficamos rodeando como os outros, isso já tem uns 50 anos. O centro era um local de ponto de encontro, nós nem morávamos por ali, mas nós íamos até as praças, para curtir, tinham bares, sorveteria por ali, então era assim em todo aquele

centro, era uma coisa normal da vida do cuiabano. Vejo que a vivência ali com aquela região era alegre e disposta, pois a vida do cuiabano era ali. Antigamente, tinha uns três cinemas ali no centro, tinha o cine Bandeirantes, o cine Teatro e o cine Tropical, senti muito quando o cine Tropical fechou, ele era uma coisa linda, falo da edificação e da infraestrutura do local, tinha-se vários ambientes nele, você entrava tinha uma espécie de um bar antes do cinema, onde o pessoal sentava e tomava drink, tinha música ao vivo, o pessoal até dançava, aí você podia ir ao cinema ou podia ficar por ali mesmo, era muito legal, mas acabou tudo, é muito estranho. (MARINA, 2024)

Finalizando a sua fala, nos diz que hoje em dia ela vai ao centro porque quer, mesmo tendo uma certa dificuldade em ir ao local, pois hoje não tem nem onde parar o carro por ali. Muitas vezes não tem a necessidade ou o porquê de ela ir lá hoje em dia, mas que vai ao local pelo fato de gostar, de gostar de tudo ali, de ver tudo aquilo, pois o local faz parte da sua infância, da sua juventude, por isso gosta de ir lá, apesar dos pesares. Ela vai ao local e fica passeando pela praça, acaba que muitas vezes se esquece do medo, sendo assim nos diz:

Não tenho medo de nada, acho que se até me assaltarem ali eu assusto pois eu não vejo o perigo, eu não sei se é porque eu participei daquilo ali como estudante, como compradora, eu vivenciei aquele local, ali é a minha cidade. Agora eu envelheci, mas ele está lá, é como se fosse meu, então eu volto para ver, porque eu sinto vontade, eu ando por todas aquelas lojas nem que eu não compre nada, sento na praça, eu adoro o centro. (MARINA, 2024)

Por fim, a sua mãe ainda nos fala que mesmo depois que se aposentou, não conseguiu se desligar e ficar em casa, então ela ia para o centro, ia com suas amigas aposentadas para se distrair. Ela fala que sempre frequentou o centro, era um ponto de encontro, frequentava lá até alguns anos atrás, mas pelo fato de suas amigas pararem de ir lá, ela acabou parando de frequentar a região.

Nosso próximo entrevistado foi José, advogado aposentado de 86 anos, que nasceu no município de Poxoréu - MT, mas que veio para Cuiabá com 4 anos de idade, sendo assim, ele foi criado e se considera um cuiabano de “tchapa e cruz”²⁴. Quando lançamos a frase “O Centro Histórico de Cuiabá”, ele nos diz que acha o centro histórico um local quase que abandonado hoje em dia, há cada vez mais uma falta de ajuda dos poderes públicos para com a preservação e conservação do local, que sente muito para com o estado atual com a qual a área se encontra, porque ele vivenciou o centro histórico quando criança, quando jovem e quando adulto, que a conclusão que chega é a de que os poderes públicos abandonaram a história da Cuiabá antiga. Nesse ponto da entrevista, ele nos fala:

²⁴Expressão regional utilizada no município de Cuiabá, para referenciar as pessoas que nasceram e se criaram na cidade.

Eu morei na rua Antônio Maria, a rua da piçarra, a parte lá de cima, quase perto da Catedral, quando eu era criança nós brincávamos ali de pegador, de amarelinha, soltava pipa, pandorga e bico de papagaio, enfim, era uma infância sadia, na época a luz era racionada, a água era racionada, tudo era racionado, aí me lembro que em 1944 que chegou o cinema na cidade, a partir disso tínhamos o privilégio de ir ao cinema aos domingos, mas a vivência na minha infância nessa região era assim, era de uma infância pura e sadia, diferente de hoje, assim eu não vou comparar com o que é hoje, mas a mudança foi violentíssima a anos luz, então eu falo que eu curti a minha infância na Cuiabá de antigamente, esse centro histórico todo, lembro que eu tinha a obrigação de voltar para a casa às 21 horas, pois a cidade nesse horário já estava adormecendo, era pouca luz nas ruas. Lembro que na praça Alencastro, em frente a Catedral, tinha um gasômetro onde era depositado os óleos que pegavam para colocar nas iluminações do centro da cidade, na época a iluminação era a gás, nesse local, na década de 1960, quando ele já estava desativado, eu montei um cafezinho e funcionou muito bem, mas na época eles já estavam reformando o jardim dali, na época derrubaram tudo aquilo, pegaram o coreto e colocaram na praça Ipiranga e colocaram a famosa fonte luminosa ali e até hoje ela funciona. Cuiabá não tinha, naquela época, bandido, não tinha assalto, as pessoas chegavam em casa e costumavam-se encostar a porta com uma cadeira ou com um peso qualquer, ninguém fechava a porta, porque não tinha ladrão. As janelas das casas tinham sempre um prego, aí o padeiro passava ali e deixava o pão fincado nesse prego, pela manhã você abria a janela para pegar o pão, ninguém pegava o pão do outro, as pessoas se respeitavam. O leiteiro também deixava o leite na frente de casa, era uma Cuiabá diferente, nós tivemos infância, hoje mudou tudo, hoje a infância é diferente. (JOSÉ, 2024)

Quando lhe perguntamos se havia na área alguma mudança que para ele foi significativa, ele nos fala que ao longo dos anos foram acontecendo muitas mudanças por ali, mas a mudança que mais marcou Cuiabá, foi a demolição da Catedral, onde narra:

Na época o bispo era Dom Orlando Chaves, que após consulta com engenheiros, chegou à conclusão que a Catedral corria risco de cair, de romper, mas de uma forma ou de outra ela foi demolida com dinamite, que dá um contraste meio bruto, isso foi da década de 1970, mas foi um fato que marcou a cidade até hoje, nós hoje temos realmente uma bela Catedral, mas ela poderia ter sido construída em um outro local, são coisas que marcam e você não entende, esse foi um fato que chocou muito a opinião pública no período que a igreja foi demolida. Na época, houve um concurso de arquitetura no qual apresentaram três tipos de edificações novas para a Catedral, uma era um tipo gótico, outra era tipo modernista, por isso que essa está ali, mas na época eu me recordo que o pessoal mais antigo foram todos contra a demolição da catedral, mas esses já morreram, então hoje os novos cuiabanos, os cuiabanos que migram para cá não sabem dessa história, a criança não sabe o que aconteceu. Acabou que três pessoas tomaram essa decisão de demolir, demoliram com o dinheiro deles e construíram com o dinheiro deles, na época eu não lembro de movimento contrário à demolição, não houve nenhuma revolta da população, a pessoal acabou aceitando passivamente. Hoje em questão de valores, eu sinto que nós somos minorias, uns estranhos no ninho, o pessoal cuiabano eu digo, então qualquer ambiente que eu vou, já não reconheço ninguém, você já não encontra ninguém conhecido na rua, isso é fruto do progresso, todo mundo acaba aceitando as coisas, pouca gente fica sabendo da história, por exemplo, eu tenho um neto que quando eu estava fazendo um projeto para o Sesc Arsenal, de pintura de telas, esse meu neto me acompanhou durante esse processo me ajudando com digitalização e tal, ele ficou entusiasmado em conhecer a história de Cuiabá, as ruas de Cuiabá, mas eu tenho doze netos e somente um deles teve esse interesse, meus filhos conhecem um pouco das ruas, mas não sabem o detalhe das coisas, os apelidos que colocávamos nas ruas, eu fico triste de ver essas coisas, acho que as ruas tinham que ter a identificação com o

nome antigo e o novo nome, poderia ter um rápido histórico dela, de quem foi a pessoa que leva seu nome, não custa nada. (JOSÉ, 2024)

Sobre o sentimento que tem para com a área atualmente, ele nos fala que sente que “somos estranhos no ninho, nós os cuiabanos”. Pois antigamente, todo mundo meio que se conhecia, você sabia quem morava naquelas casas ali do centro, meio que todo mundo se conhecia, era tipo uma vila, era comum na época, você perguntar para as outras pessoas quando se conheciam “você é gente de quem”, aí vinha a resposta “Durval, lá do Porto”, o nome do pessoal era muito associado aos bairros, Cuiabá era muito pequena. Quando chegava o pessoal de fora e ficava ali no grande hotel, era uma enorme sensação.

José nos diz, que atualmente não frequenta muito o centro histórico da cidade, só vai até lá quando quer comprar alguma coisa muito específica, em alguns daqueles comércios mais conhecidos, pois hoje em dia tem tudo nos shoppings. Hoje não tem mais nenhuma atração ali naquele centro, fala que seus filhos ainda conhecem o centro, mas meus netos acham que não, mas que os mesmos conhecem todos os shoppings da cidade, que vê isso como evolução natural, que não é para causar revolta em ninguém, pois as coisas acontecem naturalmente. Entretanto, nos fala que mesmo diante ao processo de evolução da cidade, acha importante se manter a área do centro histórico, que inclusive acha que uma solução perante a situação de abandono na qual o local se encontra, seria a de voltar e dar-se vários tipos de usos por ali, que a recuperação das edificações tem que ser para população, e em benefício do povo, para o povo.

Voltando para a questão sentimental, ele nos fala que há uma diferença entre o antes e o hoje, que atualmente o sentimento que tem para com a área é de esperança, que acredita que o local vai melhorar. Já o sentimento que tinha antigamente, era de confiança, pois era como se sentisse uma certa liberdade, pureza para com a área e as pessoas que ali moravam. José finaliza a entrevista nos falando, que muita coisa da nossa história foi se perdendo com o tempo, em partes, isso acontece diante a falta de se perpetuar alguns fatos da nossa história, por esse fato é que ele começou a pintar paisagens urbanas de Cuiabá de antigamente, a fim de se perpetuar a cidade através das suas telas. Hoje já são mais de 50 telas espatuladas contando a história da cidade, em cada tela para além da história da cidade, ele acaba contando também um pouco da sua história, pois ele estava e vivenciou aquelas paisagens que ali estão representadas. Ao descrever o porquê das suas telas, ele cita uma frase de Estevão de Mendonça, que falava que “quem morre em Cuiabá, morre para sempre”, pelo fato de as pessoas ao morrerem levarem consigo a história, sendo assim, se ela não é perpetuada, acaba que a história some, que é por esse fato que ele pinta suas telas, como uma forma de ajudar a

perpetuar a história, como um meio de os novos habitantes que ainda virão conhecerem um pouco como as coisas eram antigamente.

Nossa sexta entrevistada foi Isabel, professora aposentada de 62 anos, que nasceu e foi criada em Cuiabá. Quando lançamos a frase “O Centro Histórico de Cuiabá”, ela nos diz que na sua infância e adolescência sempre morou ali pelo centro da cidade, seus avós tinham casa por ali, veio de uma família tradicional de Cuiabá, então tinha toda a sua família morando ali naquela região. O que me vem à mente, são as casinhas que tinham por ali, dos bares, das vendas, mas hoje em dia ali tudo já mudou, nesse momento ela nos diz:

Meu tio tinha uma venda na rua 24 de outubro, meus avós e tios moravam nessa mesma rua, hoje em dia ninguém mais mora por ali, não tenho mais parentes nenhum morando ali naquela região, até eu depois que casei me mudei dessa região. Então quando fala ali, região histórica ou quando fala do centro de Cuiabá, eu me lembro do tempo onde tinham os casarões, hoje em dia não tem mais nada, nós sentávamos na porta, brincávamos na rua e é isso que eu me lembro, da minha infância com a minha família naquele tempo, porque hoje em dia já não tem mais nada ali, não sei, ali no centro virou só prédio. Eu e meus irmãos nascemos ali naquela região, estudamos por ali, nossa convivência era toda ali naquela região, eu só saí de lá depois que eu me casei, já tem 44 anos que saí de lá, aí depois meus pais também saíram de lá, hoje em dia eles já são falecidos. Eu tenho uma recordação também com aquela região muito ligada às amizades, dos meus amigos de infância e até hoje eu tenho contato com alguns deles, morávamos todos ali naquela região, quando nos encontramos ficamos lembrando daquela época. (ISABEL, 2025)

Após a sua fala, perguntamos se existia então um sentimento de saudades, foi então que ela nos fala que na verdade ela tem saudades da convivência que ela tinha para com as pessoas que ali moravam, mas do lugar em si não tinha saudades, mas sim uma lembrança boa, pois saudades ela tem das pessoas e não do local, mas que foi muito feliz morando ali. Isabel, logo após a sua fala fica pensativa e em silêncio e nos diz o seguinte diante ao que o local representa para ela:

Olha eu quando era menina de uns 10 e 11 anos, eu ia muito no centro, ali na rua 13 de julho, no calçadão, lembro que no Natal era meio que uma tradição nós irmos lá comprar os presentes e fora essa época do ano, todos os sábados eu minhas irmãs e minha mãe íamos ao centro, tínhamos que andar ali no centro, então essa parte física eu sinto até saudade, por causa da convivência ali com as pessoas. Você ia ali e conhecia todo mundo, encontrávamos amigos, brincávamos ali naquela praça em frente da prefeitura, era uma festa, aos domingos sempre íamos lá, íamos a pé e descíamos a avenida toda, aquela criançada toda junta até a praça, isso sim eu sinto falta, daquele local, pois hoje em dia as pessoas já não fazem mais isso ali, virou um espaço perigoso, aquela praça ali era o ponto de encontro do pessoal da cidade, porque ali também tinha o cine Teatro Cuiabá, o cine Tropical e o cine Bandeirante, então geralmente o pessoal ia a missa cedo e depois ia ao cinema, era tudo ali no centro. A vida antigamente, era toda ali naquele centro, todo mundo conhecia todo mundo, porque a cidade era pequena, hoje em dia você sai e já não encontra mais ninguém conhecido. Antigamente sentávamos na porta de casa e sempre passava um amigo ou algum conhecido. (ISABEL, 2025)

Depois de descrever a relação que tinha para com o local antigamente, quando perguntamos sobre as transformações que foram acontecendo ali na região com o passar dos anos, se tinha alguma transformação por ali que tinha a marcado, ela nos fala que acha que mudaram muita coisa por ali, principalmente as igrejas e as praças, que mudaram muito a arquitetura delas. Fala que antigamente tinham ruas no centro que eram tudo de residência e que hoje em dia é tudo de comércio, por exemplo a rua das óticas, cita também a transformação no córrego da Prainha, onde diz:

Eu lembro da Prainha, ali tinha um córrego aberto, que tinha umas pontes no trajeto dela, então todas essas mudanças que aconteceram ali, isso aí dá um choque na gente né, porque ali virou tudo concreto. A gente sente essas mudanças que foram acontecendo por ali, a Igreja do Rosário também teve várias mudanças nela, a gente sente porque somos daqui, então quando passamos hoje em dia ali mudou muito, porque fizeram isso, tudo isso dá um impacto na gente, pois eram lugares que antigamente brincávamos e andávamos sozinhos e de repente também não podemos mais ir lá devido a insegurança, além do que o concreto tomou conta dali. (ISABEL, 2025)

Nesse momento a entrevistada nos fala que, antigamente sentia uma liberdade ao andar pelo centro, mas que hoje em dia não faz mais isso, devido a insegurança. Acabou que sua relação com o lugar com o passar dos anos mudou totalmente, hoje em dia ela vai ao centro e não encontra mais nenhum conhecido por ali, que quando vai ao local atualmente, anda tensa e preocupada com medo de ser roubada, além do mais, os casarões que via antigamente por ali poucos foram conservados, acabaram com tudo e que acha que todas as cidades tinham que preservar e conservar essas áreas. Sobre a região, a sua representação e importância, ela nos fala:

Eu vejo que a área é um local de grande importância para a cidade, porque assim, aquilo ali era a representação do que era Cuiabá, antigamente quando vinha gente de fora, levava as pessoas ali pra conhecer e apresentar a cidade, hoje em dia não levamos mais as pessoas ali, acaba que levamos para a Chapada dos Guimarães, que é perto mais é outra cidade. Antigamente íamos ao centro porque fazíamos tudo ali, nós íamos nas praças, brincávamos, namorávamos rodeando aquelas praças, íamos ao cinema porque tinham três cinemas por ali, a estrutura daquele centro era a coisa mais bonita que tinha, a arquitetura dali era linda, então o pessoal quando vinha gente de fora sempre levava eles ali, para conhecer e apresentar, pois, era o nosso cartão postal. Eu lembro que o pessoal enviava muito cartão postal da cidade para amigos e parentes de fora quando vinham para cá, tinha um cartão que me recordo que era da antiga Igreja Matriz, a que demoliram, tiraram aquela primeira igreja e colocaram essa que falaram que era mais moderna, falaram na época que era porque a antiga estava com risco de cair, eu não entendo o porquê de eles mudarem totalmente o que ela era. Eu era bem menina quando demoliram a igreja, mas meus pais falavam que era uma estrutura totalmente diferente da que construíram no lugar, ela era meio que a representação de um marco para a cidade.

Aquele centro tinha uma estrutura muito bonita, além das igrejas, tinha também os outros prédios, por exemplo, foi ali que construíram o primeiro prédio residencial alto da cidade, que é o Maria Joaquina, e outro mais alto só que não era residencial, que era o Palácio do Comércio. Lembro que o pessoal vinha de fora para ver eles, hoje em dia o pessoal que vem de fora já não passa mais ali para conhecer o centro da cidade, ele era meio que também o nosso ponto turístico e atualmente não é mais. Ir ao centro antigamente era um evento, andávamos naquele calçadão e era como se estivéssemos andando na calçada da fama, tudo era ali, sempre tinha uma novidade, mas tudo mudou. (ISABEL, 2025)

Sobre se seu sentimento com a área mudou com relação ao que tinha antigamente, Isabel fala que antes tinha um sentimento de alegria, de querer ir sempre ali, hoje em dia ela nem quer ir mais lá pois tem medo, antes ela tinha um sentimento de prazer e de alegria com aquela região, hoje é um sentimento de medo e insegurança.

Quando perguntado se a mesma vê a área como um lugar de importância para a cidade, ela nos fala que acha que mesmo a área estando do jeito que se encontra atualmente, vê que a área ainda representa um local de importância para a cidade, que hoje em dia, mesmo sendo um local de insegurança, ainda se vê ali aquele pessoal mais antigo reunido e conversando, onde você vê que eles conservaram esse hábito antigo de ir até a praça para encontrar e se reunir com os amigos, mesmo isso acontecendo só na parte da manhã. Por isso, acha que tem que conservar a área, não só para os antigos, mas também para nossos netos, sendo assim, ela mesma ao passar por ali com os seus netos, sempre conta um pouco de como eram as coisas por ali, o que tinha ali em algumas edificações, mostra as igrejas, pois acha importante passar isso para eles saberem e terem um pouco na mente essas histórias, muito porque eles não vão ver o que nós vimos, mas pelo menos eles vão imaginar. Nesse momento, ela termina sua entrevista nos dizendo:

Minha neta todo fim de ano faz apresentação de dança ali no Cine Teatro, já falei para ela que antigamente ali era um cinema que eu frequentava quando mais nova, eu sinto que meus netos ficam empolgados de saber essas histórias e curiosos para saber o que tinha por ali, neste fim de ano mesmo, ela falava para as pessoas que iria dançar onde a vovó antigamente vinha para assistir filme, isso toda empolgada. Eu acho então que tem que se manter esses espaços, para contar a nossa história, hoje em dia muitas crianças não sabem até mesmo que existia cinema naquela região, mas assim, o cuiabano, você pode ter certeza que vai contar e falar dessas histórias. (ISABEL, 2025)

Por fim, ela fala que a cidade tem uma história muito bonita, que antigamente era um lugar muito bonito, onde era dita e reconhecida como a cidade verde, hoje infelizmente ela é a cidade do concreto, mas antigamente era a cidade verde, então acha importante passar e continuar contando a sua história, a nossa história, até porque não somos eternos e vamos morrer, mas as

outras gerações vão continuar tendo essas histórias na mente e continuar passando para as futuras gerações que vão vir.

Nosso sétimo entrevistado foi Zico, professor aposentado de 68 anos, que nasceu no município de Várzea Grande - MT, cidade que fica ao lado de Cuiabá sendo ligadas por pontes, mas que se mudou para Cuiabá com 4 ou 5 anos de idade, sendo assim foi criado e nunca mais saiu daqui. Quando lançamos a frase “O Centro Histórico de Cuiabá”, ele nos diz que lhe vem à mente a região ali do centro, o Campo D’ourique, onde hoje fica a câmara dos vereadores de Cuiabá, que antigamente tinha um campo de futebol onde jogava bola e era onde também os circos se instalavam quando chegavam na cidade. Outro ponto que se lembra é da rua Barão de Melgaço, que era toda de paralelepípedos, fala que se recorda das transformações que aconteceram nessa rua, como quando tiraram os paralelepípedos e colocaram asfalto, como que antigamente jogava bola no meio dessa rua a noite junto com a gurizada que morava ali naquela região, porque não tinha movimento nenhum de carros naquela época, que como ele morava ali naquela região acabou vivenciando essas mudanças, por isso ele sobre a região ainda nos fala:

Me lembro de frequentar ali no centro a praça da República, onde antigamente a comunidade cuiabana ia naquela praça e ficava rodeando ali, quando eu era pequeno ia acompanhado das pessoas mais velhas, íamos ali para passear, era um dos centros de atração de Cuiabá aquela praça, ela era tranquila, todo mundo sentava ali e conversava, ficava contando história, víamos a noite lá e depois voltávamos para casa. Recordo também, da Av. Getúlio Vargas que tinham as casas com aqueles quintais grandes cheios de árvores frutíferas, ali mesmo subindo e indo em direção ao quartel tinha uma rotatória que tinha uma árvore enorme que o pessoal antigamente vendia frutas, garapa e ficava tudo ali, porque antigamente era tudo pequeno e não tinha expansão de nada, era tudo bem rústico mesmo. Então são coisas assim que eu me lembro, de quando as ruas ali da região eram sem asfalto quase, a maior parte, lembro de jogar bola ali na Av. Getúlio Vargas, na frente onde ficava antigamente o Lorde Hotel, antigamente ali quase não tinha movimento de carro. Então eu posso dizer que me lembro de ter tido uma infância bacana por ali, aí depois fiz meus estudos nas escolas da região, passei a minha infância e a juventude nesta região. Depois da minha juventude eu me mudei de lá, eu me casei e me mudei, mas fica aquelas lembranças daquilo que eu vive ali, antigamente não existia perigo também de quase nada, então nossos pais deixavam sair tranquilamente pelas ruas, tínhamos também uma relação com as pessoas que moravam ali, éramos próximos, todos se conheciam, então saíamos e brincávamos nas ruas, andávamos de bicicleta, ali naquela região a maioria das edificações eram de casas e hoje em dia já não é mais assim, quase não tem mais residências por ali. (ZICO, 2025)

Nos é dito que era no centro da cidade, mais especificamente nas suas praças que antigamente eram o ponto de encontro do pessoal, todo mundo ia até as praças e de lá iam para os cinemas que tinham na região, bem como também os bares e lanchonetes, que o lazer dos cuiabanos acontecia naquela região, era um espaço tranquilo e sem perigo nenhum. Por isso,

ele sente que com as transformações que foram acontecendo ali no centro da cidade com o passar dos anos, as pessoas que ali moravam acabaram se mudando de lá e que isso acabou afetando também um pouco o relacionamento que as pessoas tinham com as outras, que por exemplo, hoje em dia você quase não vê mais grupos de pessoas se reunindo por ali, que as coisas foram mudando e ficando bem diferentes do que era antes. Nesse momento ele fala um pouco do sentimento que tem ao ir atualmente na região:

Hoje em dia eu passo pelo centro e vem aquela comparação com o que ele era antigamente, tinham os cinemas por ali, o Cine Teatro, o Cine Bandeirantes e o Cine Tropical. As praças por ali já não são as mesmas, é só passar ali e você vê o tanto de problemas que rodeiam aquelas praças, infelizmente mudou muito, o progresso é bom, mas às vezes traz muitos problemas, dá uma saudade quando você vê aquilo lá, passo e falo: Poxa vida. (ZICO, 2025)

Ao final da sua entrevista, Zico nos fala que para ele hoje a representação do que é a cidade está espalhada, não está mais só ali no centro de Cuiabá, que o centro para ele ficou mais a saudade, devido ao desenvolvimento da cidade. Antigamente, tudo em Cuiabá começava ali no centro, tudo de fato acontecia naquela região, hoje em dia não é mais assim, o estado atual em que ele se encontra mostra isso, que infelizmente acho que pela política de hoje é muito difícil essa região se recuperar, mas que vê a área como um ponto de importância para a cidade, pois tem algumas edificações tradicionais que foram e são um marco da identidade da nossa região, elas representam e contam a nossa história, por isso elas são extremamente importantes e devem ser preservadas e mantidas.

Nossa próxima entrevistada foi Julia, funcionária pública de 39 anos, nascida e criada no município de Cuiabá. Quando lançamos a frase “O Centro Histórico de Cuiabá”, nos diz que lhe vem à mente as casas antigas, os muros baixos, as pessoas conversando na porta de casa, que se lembra de uma tranquilidade, de quando não tinha violência e das pessoas antigas que viviam ali. Recorda muito das histórias que sua mãe lhe contava sobre a época em que ela morou ali naquela região, além disso, o centro lhe remete a um patrimônio histórico.

Ela nos fala que não chegou de morar no centro, mas que teve uma relação com ele muito pelas histórias que a sua mãe lhe contava, no entanto, na sua infância e adolescência quando passava pela região ainda via que a população frequentava e tinha um convívio com o local, antes era diferente e hoje em dia ela já não vê isso mais lá. Falando um pouco mais sobre a sua relação com a área, ela nos diz:

Eu tenho uma relação ali com a região, muito também porque eu estudei em um colégio que existe ali, era uma escola antiga de padres onde eu estudei o meu segundo

grau. Eu ia e voltava de ônibus para a escola, as vezes eu tinha aula sábado de manhã e alguns dias tinha aula em período integral, então eu almoçava com minhas amigas ali no centro, íamos andando então acabávamos indo até aqueles calçadões para ir nas lojas que tinham por ali, foi um período no qual eu frequentei mais efetivamente o centro da cidade. Lembro que na minha época de adolescência já existiam alguns shoppings na cidade, mas eu ainda ia ao centro fazer compras, porque as coisas lá eram mais baratas e tinham umas lojinhas específicas que só tinham no centro. Eu me sentia à vontade em andar por aquele centro, naquela época, era muito bom. (JULIA, 2025)

Quanto ao sentimento que tem para com o local atualmente, nos fala que ele mudou ao longo dos anos, primeiramente pelas fases da vida, pela correria do dia a dia e pelo fato de a cidade hoje ser muito maior, acaba que atualmente quase não frequenta mais a região, que é muito raro ela ir até o centro. Explica que hoje em dia existem mais shoppings por perto de onde mora e que pela correia do trabalho acaba frequentando mais eles, por isso não tem mais a necessidade de se deslocar até o centro, que para ela ficou distante. Nos é dito também, que ela não vê que exista nada no centro hoje em dia que a cativa e a faça se deslocar até lá, por exemplo, as casas antigas que existiam na região, a grande maioria mudou muito, por isso não tem nada quase mais nesse local que ela vai até lá para ficar admirando. Nesse momento ela nos diz:

O sentimento que eu tinha com a região mudou, sinto meio que uma nostalgia, mas também uma tristeza de ver que as coisas por ali estão se perdendo, que essa identidade da cidade está se perdendo, porque o centro histórico é a identidade da cidade, marca a cultura da cuiabania, dos cuiabanos, mas hoje em dia você anda por lá e o que se vê são as casas abandonadas, pichadas e muitos usuários de drogas, então acaba que o sentimento que eu tenho é também de insegurança ao andar por ali, há uma falta de cuidado com o nosso patrimônio histórico.

Eu sinto que eu tive uma relação com o centro que foi muito diferente das gerações anteriores a minha, minha mãe e meus tios por exemplo, eles tinham e tiveram uma ligação muito mais próxima e íntima com essa região do que eu tive, eu sinto que a geração atual tem uma relação muito mais diferente que a minha, sinto que foi tendo uma mudança na relação das pessoas para com essa área, hoje em dia mesmo, acho que as pessoas possuem uma relação muito mais distante ainda do que há que eu tive. (JULIA, 2025)

Sobre se ela vê a área como um lugar de importância para a cidade, nos fala que embora as várias transformações que foram acontecendo na região ao longo dos anos, como também ao estado atual de abandono no qual se encontra, ela ainda acha que existem por ali algumas edificações que se conservaram e ainda foram mantidas as características de antigamente, de como eram as casas e a arquitetura, bem como também as igrejas, que acabam contando e representando um pouco da história da cidade, da nossa história, por isso essa região ainda é um marco de representação da identidade da cidade, apesar de muito se ter mudado.

Julia, finaliza sua entrevista se lembrando de um passado mais recente que teve com a região, em um período no qual trabalhou no centro, nos falando:

Eu cheguei de trabalhar ali no centro uma época, no conselho de educação, que ficava ali na rua Barão de Melgaço, bem na esquina, isso já é um passado mais recente, mas só para você ver como as coisas estão em constantes mudanças, ali era um prédio antigo, o pessoal ainda brincava que tinha o fantasma do padre Pombo que andava por ali, o local era cheio de vida até um tempinho atrás, hoje em dia você passa lá e está tudo abandonado, dá uma tristeza você ver ele assim todo abandonado, sem identidade nenhuma, pois não é só o prédio em si mas aquele pedaço está cada vez mais abandonado. (JULIA, 2025)

Por fim, pontua que mesmo a região se encontrando em um estado de abandono atualmente, que mesmo assim, ainda vê o local um lugar muito importante para a cidade. Como um exemplo, ela nos fala que quando vem algum amigo dela, que é de fora de Cuiabá, que ela os leva no centro, como meio de conhecer a cidade, de apresentar um pouco da história do município, pois ele ainda é uma referência nossa, conta um pouco da nossa história.

Nossa penúltima entrevistada foi Maria, aposentada de 62 anos, que nasceu e se criou em Cuiabá, mas acabou se mudando para outra cidade após fazer faculdade, mas que eventualmente vem umas duas ou três vezes ao ano para cá, para rever a sua família. Quando lançamos a frase “O Centro Histórico de Cuiabá”, nos diz que morava na área de entorno da região, então o que lhe vem à mente é que ia aos domingos ver a fonte luminosa da praça em frente ao Palácio Alencastro, era o seu passeio dominical, ia na sorveteria Seror que ficava ali perto e depois dava umas voltas na praça, era sagrado fazer isso aos domingos. Lembra também de quando frequentava a Catedral e de quando estudava em uma escola na região, que sempre pegava o ônibus e saltava no centro e ia caminhando até a sua escola, por isso, ia passando por quase todas as ruas do centro e vendo as edificações antigas, as praças, a Catedral, mas que hoje em dia tudo está muito diferente, que já nem sabe andar direito pela região.

Quando lhe perguntamos da sua relação e qual é o seu sentimento para com o local, ela nos fala:

Antigamente eu tinha uma relação diariamente com aquela área, sabia onde ficavam os lugares para comprar cada coisa específica, era tudo ali no comércio daquele local. Inclusive, meu pai era motorista de táxi e ficava com o táxi dele na rua 13 de julho. A área representa uma certa nostalgia para mim, porque hoje eu a vejo e lembro do passado com dor no coração, de ver que as coisas por ali não evoluíram muito bem, assim o espaço em si continuou da mesma forma que era antes, mas está muito deteriorado, não tiveram uma conservação daquele espaço, então, passar ali e ver as casas ali caindo, as ruas totalmente descaracterizadas é muito ruim. Eu tenho um sentimento, uma impressão de que antigamente ali era tudo muito grande para mim e hoje eu já vejo tudo muito apertadinho, me dá uma sensação meio estranha. (MARIA, 2025)

Sobre as transformações que foram acontecendo no centro ao longo dos anos, ela nos fala que dentre as várias mudanças que foram acontecendo ali no local, algumas para ela foram mais expressivas, sendo assim nos diz:

Tem uma igreja ali no centro que eu me recordo, que me chama bastante atenção, a igreja Senhor dos Passos, que fica ali perto da igreja do Rosário e São Benedito, me dá uma dor em ver ela porque era um lugar, era um refúgio bem característico daqui de Cuiabá que não existe mais, que me parece estar abandonada. Outra coisa que eu me recordo, é da transformação e da mudança ali do córrego da Prainha, antigamente o córrego era aberto, nós víamos a água fluir por ali e hoje em dia está tudo fechado, já não vemos mais nada ali só carro e concreto. Para mim essa transformação ali do córrego da Prainha, me traz uma sensação de como tivesse bastante árvore, como se eu estivesse em um parque e de repente colocassem um monte de concreto e acabasse com esse parque. Aquela água fluindo meio que dava uma sensação de estar refrescando o ambiente e agora ele é aquele concreto todo, uma coisa assim meio que opressiva de calor, parece que Cuiabá ficou mais quente do que já era antes. (MARIA, 2025)

Diante disso, ela nos fala que embora as mudanças e transformações que aconteceram na região, bem como também ao estado de descuido no qual a área se encontra atualmente, vê o local como uma região de importância para a cidade, pois representa e serve para mostrar para a nova geração a história que existiu em Cuiabá, mas que nem sempre é vista, já que as gerações futuras vão ter uma visão do lugar totalmente diferente da que ela viu, que mesmo muitas edificações estando hoje abandonadas, futuramente elas podem vir a ser restauradas, o que contribuirá para continuar contando a nossa história, dos nossos processos de transformações, onde a parte antiga convive com a parte nova, mostrando que tudo tem o seu valor.

Nosso último entrevistado foi Manoel, advogado aposentado de 79 anos, que nasceu e se criou em Cuiabá. Quando lançamos a frase “O Centro Histórico de Cuiabá”, ele nos fala que vem primeiramente a sua mente os quintais espetaculares das casas que existiam antigamente, eles eram cheios de árvores frutíferas, eram quintais bem verdes e por isso se lembra que o centro antigamente tinha muito mais verde. Após isso, ele nos fala que ele nasceu e foi criado na região do centro do município, mais especificamente na área da Boa Morte, que só foi se mudar dali depois que se casou, então se recorda de um centro, de uma época em que era tranquilo viver por ali, que na sua infância e parte da sua juventude quase não tinha grandes movimentos de automóveis no local, que viveu em uma Cuiabá em um período em que ela era muito pequena, as mudanças na cidade só começaram na década de 1960, então tem muito na sua memória a arborização que a cidade tinha antigamente, é uma das maiores saudades que tem, porque era uma cidade verde de fato.

Durante a entrevista, Manoel nos fala que teve uma relação muito próxima com a região, que além de ter morado no local, também fez seus estudos nos colégios que ficavam na região central da cidade, diante disso ele nos diz:

Eu me lembro de andar aquilo tudo ali a pé, atravessava aquela Prainha, que antigamente tinha o córrego da Prainha aberto, lembro de uma época que ainda não tinha calçada por ali, eu atravessava a avenida para ir ao colégio no que chamávamos de pinguela, que era um pedaço de pau de madeira que utilizávamos para atravessar o córrego. Fora isso eu parava ali na Prainha para pescar também às vezes, tinha muita piraputanga e bagre por ali, não era só eu e minha família que fazíamos isso, era um costume do pessoal, da gurizada naquela época, tínhamos uma relação com a água, com o rio. Era muito bom viver ali, reunia com o pessoal ali da região, brincávamos nas ruas, jogávamos bola nos campos que tinham por ali, era muito bom, era uma área que tinha um verde impressionante. (MANOEL, 2025)

Quando lhe perguntamos sobre as transformações que foram acontecendo na região com o passar dos anos, se tinha alguma que para ele foi significativa, ele fala que o local mudou muito, hoje em dia está muito diferente, que dentre as várias mudanças que aconteceram por ali se lembra da edificação do Hotel Centro América, onde atualmente fica a loja Riachuelo, que foi um dos primeiros prédios altos de mais de três andares que foram construídos na cidade, era muito bonito, mas infelizmente após o fechamento do hotel demoliram a estrutura para construir uma loja. Outra lembrança sua, foi de quando construíram na região o Palácio do Comércio, que é um prédio que ainda existe hoje em dia, que foi uma construção emblemática, pois foi de fato um dos primeiros prédios altos que construíram na cidade. Falando um pouco mais sobre os processos de transformações que foram acontecendo no município ao longo dos anos, principalmente na região central, ele nos diz:

Eu sinto que eu vivi o processo de transformação da cidade, eu vi como a cidade foi crescendo e como aquela região foi mudando, por exemplo na década de 1960 devia de ter uns quatro bancos só na cidade, já na década de 1970 já tinha para mais de trinta bancos, era banco para tudo quanto é lado, aí veio a divisão do estado e Cuiabá se transformou de vez, eu sinto muito porque algumas coisas na cidade se perderam, por exemplo, não conservaram aquelas praças que tinham antes na cidade, como a Praça da República, era uma praça linda. E de transformação mesmo, radical, foi a demolição da antiga Igreja Matriz, aquilo ali para mim foi a maior perda cultural que nós tivemos por aqui, ela era linda, para mim não havia a necessidade de ter derrubado ela, podiam ter restaurado, o que fizeram com ela não tinha necessidade, eu assisti a demolição dela, implodiram ela com dinamite para conseguir de fato demolir, isso que falaram que estava com risco de cair, não era o que parece né. Aquela construção original, com a forma e material que ela foi construída não iria cair nunca, eu sinto mesmo a perda dela sabe, ela era uma igreja muito especial. Fora também que ali na região tinha muito mais daqueles casarões de estilo colonial que foram demolidos, eram bonitos demais.

Eu assisti também a cobertura do córrego da prainha, aquilo que fizeram com ele foi um crime, do jeito que foi feita a obra, eu vejo que como a cidade estava crescendo

muito, que tinha que ter tido mesmo uma mudança por ali, era um mal necessário, mas não do jeito que foi feito.

Outra coisa que me recordo, é que antes de construírem o Palácio Alencastro, tinha um casarão ali, que tinha um jardim lindíssimo, o pessoal ia passear ali naquele jardim também, geralmente os passeios aconteciam às quintas-feiras e aos domingos, tinham as bandinhas que tocavam nas praças ali em frente, na praça Alencastro, então o pessoal se reunia ali, era meio que uma tradição nossa ir à praça naqueles dias em específico, era um evento.

Eu vivi muito ali no centro de Cuiabá, vi as transformações que foram acontecendo nele, hoje em dia eu passo por ali e está tudo mudado, me bate uma saudadezinha porque era mais tranquilo, todo mundo meio que se conhecia antigamente, então você andava por ali e sempre parava ali naquelas ruas, naquelas praças para conversar com o pessoal que você ia encontrando, então bate aquele saudosismo sabe. (MANOEL, 2025)

Sobre o tipo de sentimento que ele tem para com a área, ele nos fala que antigamente tinha um sentimento de paz, de tranquilidade. No entanto, hoje em dia já não tem mais isso, pois atualmente é um local inseguro, que até alguns anos atrás ele ainda frequentava a região, ia no comércio porque tinham coisas que só tinham por lá, mas que hoje em dia já não vai mais, pois para além da insegurança, há na região muitos usuários de drogas. Manoel então descreve que:

Antigamente a minha relação com aquele lugar era totalmente diferente com a que eu tenho hoje, eu vivi em uma época em que Cuiabá tinha quarenta mil habitantes, hoje em dia tem para mais de seiscentos mil habitantes, teve um período que o crescimento da cidade foi muito rápido, foi um impacto para muita gente, começaram a vir muita gente de fora para cá, o cuiabano é bem receptível, mas muita coisa foi se perdendo sabe. (MANOEL, 2025)

Por fim, ele finaliza a sua entrevista nos falando que mesmo a área estando do jeito que está atualmente, que a vê ainda como uma área que apresenta e representa um local de extrema importância para Cuiabá, no entanto, acha que o poder público tinha que intervir na área, a fim de se fazer uma preservação e conservação melhor dela, pois ali existem muitas edificações importantes para a nossa história, que devemos manter para poder continuarmos contando um pouco da nossa história para a posteridade.

4.2 Análise dos dados coletados

A partir das entrevistas realizadas, foi feita a análise dos dados coletados diante as falas dos participantes. Sendo assim, buscou-se compreender os sentidos que as pessoas manifestaram através das suas falas, que como diz Minayo²⁵, é através da entrevista que o pesquisador busca obter as informações contidas na fala dos atores sociais, ela se apresenta como um meio de conseguir coletar os fatos relatados pelos entrevistados, sendo assim, serve de coleta de informações de dados objetivos e subjetivos.

Por isso, ao analisar a fala dos entrevistados, buscou-se fazer uma leitura e interpretação diante a posição discursiva expressa pelo entrevistado. Vale se destacar que a interpretação e a análise dos discursos foram feitas de forma livre, seguindo a minha interpretação diante aos dados coletados nas entrevistas, correlacionando-os com os conceitos das palavras identidade, memória e pertencimento, trabalhados no capítulo 2. Sendo assim, a interpretação diante das falas foi feita para dar visibilidade ao sentido exposto pelo entrevistado em sua fala, mais especificamente, na análise, pretendeu-se identificar qual o sentimento que o entrevistado possuía para com a área de estudo, se o mesmo permanece o mesmo ou não após a realização de alguns processos de transformações que o centro histórico de Cuiabá teve ao longo dos anos até os dias de hoje.

Com relação ao conceito de identidade, resumidamente, vimos que os autores falam que se trata da manifestação de uma ligação emocional com outra pessoa, sendo ela uma parte integrante de muitas psiques de massas. Que é pela experiência de existir que o ser humano possui a oportunidade de se tornar sujeito. Tendo essas definições em mente, após as entrevistas, podemos observar que para todos nossos entrevistados a área de estudo em questão representa algum vínculo de identidade, no entanto para alguns esse vínculo passa ter uma relação maior, principalmente para com os entrevistados que nasceram e foram criados ali naquela região, muita das ligações existentes entre os entrevistados para com o local, foi para além do espaço físico, associado às relações de convivência com as pessoas, bem como também a períodos das fases das suas vidas.

Podemos observar isso diante algumas falas, como quando Juliana nos fala que “a região expressa meio que uma ligação com a sua infância”, quando Marina nos diz “eu não sei se é porque eu participei daquilo ali como estudante, como compradora, eu vivenciei aquele

²⁵ MINAYO, op. cit.

local, ali é a minha cidade. Agora eu envelheci, mas ele está lá, é como se fosse meu, então eu volto para ver, porque eu sinto vontade, eu ando por todas aquelas lojas nem que eu não compre nada, sento na praça, eu adoro o centro” e quando Manoel nos fala diante os processos de transformação no local que “sinto que eu vivi o processo de transformação da cidade, eu vi como a cidade foi crescendo e como aquela região foi mudando”. Diante dessas falas podemos ver um vínculo de identidade deles com o local, apresentando-a de maneira diferente para ambos, no entanto, estão diretamente ligados aos períodos das fases das suas vidas.

Com relação a memória, nos apegando na definição de que ela possui uma forte e estreita ligação fenomenológica com o sentimento de identidade, que ela nos permite voltar no tempo e permite-nos compreender o passado diante das recordações. No decorrer das entrevistas, podemos observar também que todos os nossos entrevistados tiveram recordações para nos contar a respeito do local. Observamos isso, diante da fala de Marina, quando nos fala um pouco do cotidiano que tinha no local antigamente, em que diz: “O centro era um local de ponto de encontro, nós nem morávamos por ali, mas nós íamos até as praças, para curtir, tinham bares, sorveteria por ali, então era assim em todo aquele centro, era uma coisa normal da vida do cuiabano. Vejo que a vivência ali com aquela região era alegre e disposta, pois a vida do cuiabano era ali, era muito legal, mas acabou tudo, é muito estranho”.

Vê-se também, na fala de João, que sobre o local nos diz: “Me lembro que antigamente as ruas eram calçadas em paralelepípedo, ali nas ruas Cândido Mariano, Galdino Pimentel, Pedro Celestino, Ricardo Franco e a Rua Campo Grande. Na região também circulava um bonde que saía lá da praça da Mandioca, que era puxado por burro, então é isso que me vem na lembrança, na minha memória” e quando Zico recordando os velhos tempos, nos fala: “Me lembro de frequentar ali no centro a praça da República, onde antigamente a comunidade cuiabana ia naquela praça e ficava rodeando ali, quando eu era pequeno ia acompanhado das pessoas mais velhas, íamos ali para passear, era um dos centros de atração de Cuiabá aquela praça, ela era tranquila, todo mundo sentava ali e conversava, ficava contando história, víamos a noite lá e depois voltávamos para casa” . Observa-se que são memórias pontuais, bem específicas e com níveis de detalhamento que são particulares de cada entrevistado, que estão ligados também a identidade que cada um tem para com o local, a partir das relações que cada um tinha para com a região.

Sobre as questões referentes aos sentimentos e sensações, a partir das conceituações expressas nesse trabalho, nos apeguemos nos dizeres de que os prédios conseguem manter as

nossas sensações, podendo ser elas de pesar ou êxtase, de melancolia ou felicidade, como também de medo e esperança. Sendo que para além da memória, a paisagem e as edificações, são também amplificadores de emoções que podem nos reforçar e trazer diversas sensações. Diante disso, no decorrer das entrevistas, sobre o sentimento que os entrevistados tinham e têm com a região, podemos ver que eles nos pontuaram diversos tipos de sentimentos diferentes, onde todos os entrevistados nos pontuaram que diante os processos de transformações no local seus sentimentos foram mudando. Dentre os vários sentimentos falados pelos entrevistados, nos foi falado que antigamente eles tinham para com o local um sentimento de: afeto, amizade, companheirismo, segurança, prazer, confiança, liberdade, pureza, alegria, nostalgia, tranquilidade e paz. No entanto, nos foi falado que o sentimento que eles possuem atualmente com o local é de: medo, tristeza, saudade, vazio, de estar perdido, insegurança e ruim.

As mudanças nos sentimentos que os entrevistados tinham e têm atualmente para com o nosso objeto de estudo, se deu em decorrência das alterações na qual a área passou ao longo dos anos até chegar em seu estado atual. Podemos observar isso na fala de Zico, quando nos diz: “Hoje em dia eu passo pelo centro e vem aquela comparação com o que ele era antigamente, tinham os cinemas por ali, o Cine Teatro, o Cine Bandeirantes e o Cine Tropical. As praças por ali já não são as mesmas, é só passar ali e você vê o tanto de problemas que rodeiam aquelas praças, infelizmente mudou muito, o progresso é bom mas às vezes traz muitos problemas, dá uma saudade quando você vê aquilo lá, passo e falo: Poxa vida”, quando Julia nos fala que : “O sentimento que eu tinha com a região mudou, sinto meio que uma nostalgia, mas também uma tristeza de ver que as coisas por ali estão se perdendo, que essa identidade da cidade está se perdendo, porque o centro histórico é a identidade da cidade, marca a cultura da cuiabania, dos cuiabanos, mas hoje em dia você anda por lá e o que se vê são as casas abandonadas, pichadas e muitos usuários de drogas, então acaba que o sentimento que eu tenho é também de insegurança ao andar por ali”.

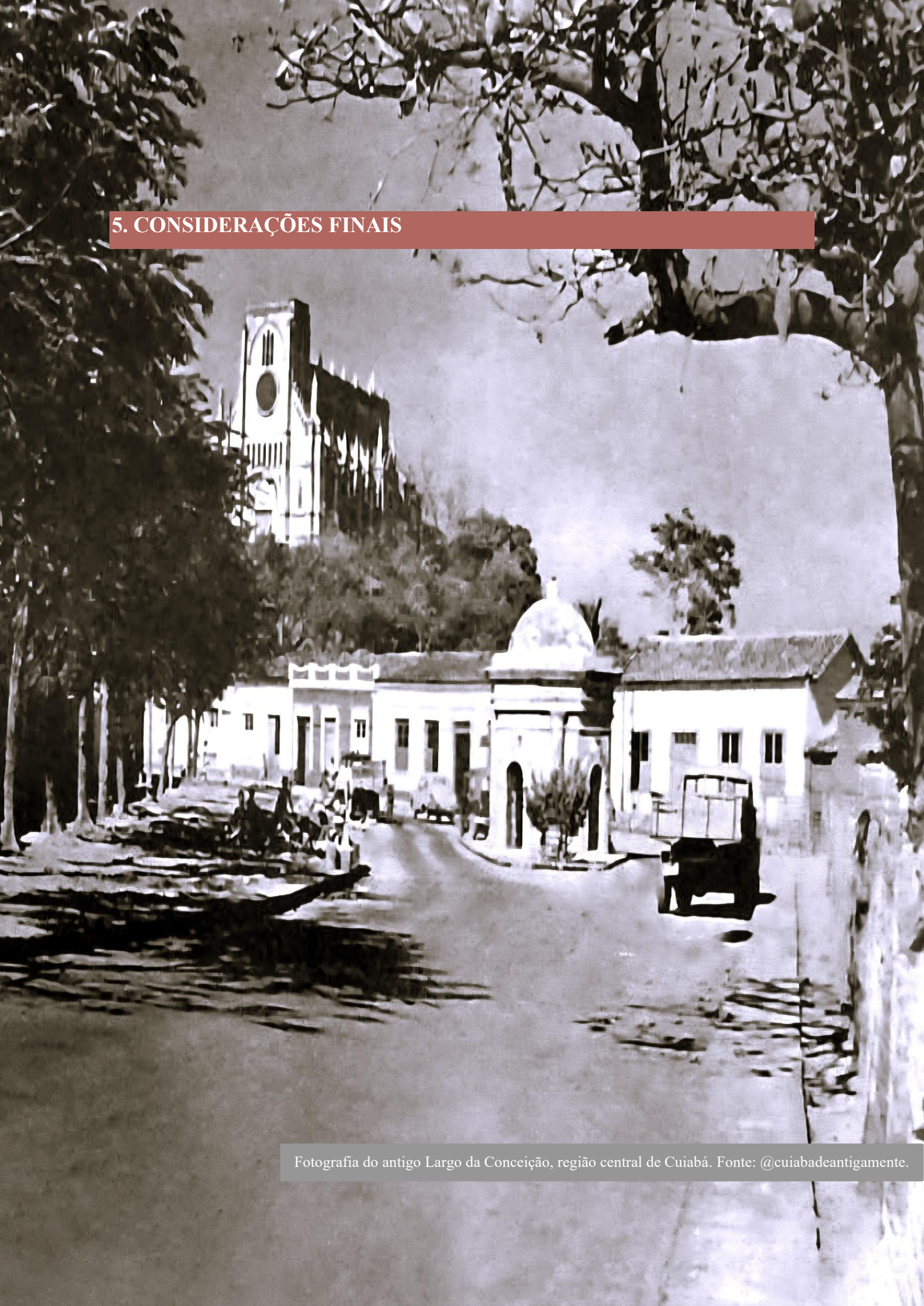
Bem quando Maria nos diz: “A área representa uma certa nostalgia para mim, porque hoje eu a vejo e lembro do passado com dor no coração, de ver que as coisas por ali não evoluíram muito bem, assim o espaço em si continuou da mesma forma que era antes, mas está muito deteriorado, não tiveram uma conservação daquele espaço, então, passar ali e ver as casas ali caindo, as ruas totalmente descaracterizadas é muito ruim. Eu tenho um sentimento, uma impressão de que antigamente ali era tudo muito grande para mim e hoje eu já vejo tudo muito apertadinho, me dá uma sensação meio estranha” e diante a seguinte fala de Manoel: “Eu vivi muito ali no centro de Cuiabá, vi as transformações que foram acontecendo nele, hoje

em dia eu passo por ali e está tudo mudado, me bate uma saudadezinha porque era mais tranquilo, todo mundo meio que se conhecia antigamente, então você andava por ali e sempre parava ali naquelas ruas, naquelas praças para conversar com o pessoal que você ia encontrando, então bate aquele saudosismo sabe”.

Por fim, percebemos durante as entrevistas que embora os sentimentos e as relações que os entrevistados tinham com a área, mudou completamente com o passar dos anos, muito disso se deve aos processos de transformações que foram sendo realizadas no local, bem como também diante ao processo de crescimento e expansão da cidade até os dias de hoje. Com relação a isso, nos apegando nas nossas conceituações, sobre a cidade e o inconsciente, onde fala-se que a cidade não é feita somente de setores, mas também de espaços, histórias, lugares e marcas que constituem a realidade do sujeito. Onde parte-se que o território da cidade que interessa a um sujeito, não se encontra somente na região em que ele vive, mas também nos espaços que ao longo de sua vida tenham se construído a sua história subjetiva.

Podemos identificar muito disso nas falas dos entrevistados, principalmente quando eles falam se ainda viam a área como um lugar de importância para a cidade, vimos diante dessa pergunta que embora as relações, os sentimentos e até um pouco da identidade que tinham antigamente para com o local tenha mudado, todos os entrevistados ainda consideram a área como um lugar de importância para a cidade, muito disso porque, eles embora experienciam o local de outro jeito atualmente, ainda percebem o forte laço que o mesmo possui, estando ele atrelado as suas histórias, as suas origens, ao seus desenvolvimentos, a eles mesmos, no que diz muito sobre a identidade, memória e pertencimento deles em si, quanto deles para com a cidade. Vemos isso diante as falas de todos os nossos entrevistados, por exemplo quando Juliana nos fala: “Eu acho importante saber como eram as coisas, por que hoje em dia está tudo muito diferente, mais moderno, mas tudo começou de alguma forma né, então eu acho que ali é uma representação de como tudo começou, temos que lembrar das nossas raízes e eu acho que essa região é tipo a raiz de Cuiabá”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fotografia do antigo Largo da Conceição, região central de Cuiabá. Fonte: @cuiabadeantigamente.

Este presente trabalho, se apegando nas questões relativas à subjetividade, buscou entender quais são as relações e os sentimentos que a população tem para com alguns espaços físicos das cidades, mais especificamente, tentamos nesse estudo compreender as relações e os sentimentos que a população da cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, possui para com o seu Centro Histórico. Como vimos anteriormente, a região em questão trata-se do núcleo de origem do município, por isso ela é uma região que representa grande expressão cultural e arquitetônica da cidade.

O fato é que buscamos entender diante das conceituações de identidade, memória e pertencimento, como elas estão ligadas e relacionadas entre si, sendo assim, podemos compreendê-las um pouco nesse estudo, mesmo que de maneira pontual e resumida, diante das suas complexidades, a partir do aporte teórico que selecionamos. Essa ponderação, foi feita com o intuito de buscarmos identificar nesse estudo se a relação afetiva, de identidade e pertencimento que a população do município tem para com a área de estudo se alterou diante os processos de transformações urbanas que foram acontecendo ao longo dos anos na região até os dias atuais. Um dos nossos apontamentos iniciais, era a de que a população mais antiga possuía uma relação afetiva, de identidade e pertencimento mais expressiva com o local do que a população mais jovem, sendo assim, a partir dessa percepção buscamos entender e analisar se esse apontamento tinha uma relação advinda dos processos de transformação urbanas que foram acontecendo no local.

Como meio de conseguirmos detectar as relações e os sentimentos da população para com a área, bem como analisar se os processos de transformações urbanas foram responsáveis ou não em acarretar na alteração das relações e sentimentos da sua população para com o local, realizamos entrevistas do tipo semi-estruturadas com dez pessoas, sendo elas feitas preferencialmente com a população nascida ou que vieram para a cidade ainda na fase da sua infância, sendo assim, nela foram criadas. A escolha para esse tipo de entrevista foi feita com o intuito de se interferir o mínimo possível do decorrer das entrevistas, a fim de escutar qual o sentimento, a relação e as percepções delas para com o local e não influenciar nas suas respostas. Por isso, cabe ressaltar que as entrevistas foram feitas de maneira individual com cada entrevistado, sendo eles em várias faixas etárias, onde a nossa entrevistada mais nova tinha 24 anos de idade e a mais velha 98 anos de idade. As diferenças de idade entre os entrevistados, nos possibilitou compreender se as relações de identidade, memória e pertencimento deles haviam mudado muito ao longo dos anos, de acordo com as faixas etárias.

Após a realização das entrevistas, que foram apresentadas neste trabalho no capítulo “4.1 O que dizem os cuiabanos”, realizamos a análise dos dados, como meio de interpretar e analisar as falas expressas pelos entrevistados no decorrer das entrevistas. Nessa análise, procuramos relacionar as falas dos entrevistados com as definições das conceituações dos termos identidade, memória e pertencimento, a fim de melhor compreender quais de fato eram as relações que essas pessoas tinham e se a mesma havia mudado diante o processo de transformações urbanas que o centro histórico da cidade passou ao longo dos anos, até a atualidade. Reconhece-se aqui que a mesma foi feita diante o estudo e interpretação da pessoa que escreveu esse trabalho, então o leitor ao realizar a leitura desse trabalho pode ter uma interpretação e percepção diferente, o que é válido e importante para continuarmos nos aprofundando e discutindo mais a respeito da subjetividade que esse local traz consciente e inconscientemente na população.

Sendo assim, após análise dos dados coletados nas entrevistas, podemos constatar que diante das transformações urbanas que foram acontecendo na área em questão, houve-se sim uma mudança na relação quanto aos sentimentos de identidade, memória e pertencimento entre a população entrevistada para com o local. Observamos que antigamente todos os nossos entrevistados tinham uma relação, uma identidade e um sentimento mais próximo e positivo com a região, mas que infelizmente foram mudando ao longo dos anos, sendo atualmente por todos eles expressos de uma maneira negativa. Ressalta-se que essas mudanças quanto aos sentimentos da população para com o local, para além das transformações que a mesma sofreu ao longo dos anos, muito se deve ao estado atual no qual a região se encontra, sendo descritas pelos entrevistados como um local abandonado, descaracterizado, deteriorado e de extrema insegurança. Percebemos também que as pessoas mais velhas possuíam uma relação e identificação maior para com o local, com relação aos mais novos.

No entanto, vimos que embora os entrevistados possuíam e possuem uma relação diferentes para com o local, que todos, embora tenham falado muito sobre o estado crítico atual na qual a área se encontra, veem a região como um local de grande importância para a cidade, que ele deve ser cuidado e ter uma atenção maior por parte do poder público, pois ele conta a história da cidade, a nossa história, dos que aqui moraram, moram e vão morar. Por isso, ele apresenta como sendo um espaço de grande expressão que vai para além do físico, que mexe com as questões da nossa identidade e sentimentos, conta um pouco sobre a cidade em si e também sobre a sua população, sendo de grande importância para todas as gerações, reconhecendo-se a importância da área para o nosso passado, presente e futuro.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*, Editora: LTDA, 1992.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, 05 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 de jan. 2021.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 3 ed., 1994.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2 ed., 2003.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas, poder oblíquos*. São Paulo, p.283–350, 1997.

CANCLINI, Néstor García. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórica e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, p.95–115, 1994.

CONTE, Claudio; FREIRE, Marcus; *Centro Histórico de Cuiabá Patrimônio do Brasil*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

CUIABÁ. *LEI COMPLEMENTAR Nº 389 DE 03 DE NOVEMBRO DE 2015*. Disponível em: [LC_389_de_2015_Uso_e_ocupacao_do_solo.pdf](#) (cuiaba.mt.gov.br). Acesso em: 17 de jan. 2021.

ELIA, Luciano. Inconsciente e cidade. In: *Psicanálise e intervenções sociais*. Editora: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2011.

ENCONTRO INTERNACIONAL DE ARQUITETOS. *Carta de Machu Picchu*. IPHAN. Disponível em: Microsoft Word - CP2 - Carta de Machu Picchu 1977.doc (iphan.gov.br). Acesso em: 16 de jan. 2021.

FREIRE, Benedito. *Canto-murmúrio para minha cidade*. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Editora L&PM Pocket, vol. 1106, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Editora: DP & A, 11ªed., 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Editora: Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Editora: Unesp, 1998.

LEITÃO, Lúcia. *Onde coisas e homens se encontram: Cidade, Arquitetura e Subjetividade*. São Paulo. Editora: Annablume, 2014.

MENDONÇA, Rubens. *Igrejas e sobrados de Cuiabá*. Programa: Cadernos Cuiabanos, 1978.

MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Editora: Vozes, 21ªed, 2002.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*. In: Les lieux de mémoire. Tradução autorizada pelo Editor: Editions Gallimard, 1984.

PALLASMAA, Juhani. *Essências*. Editora: Gustavo Gili, 2018.

PEDROLLO, Jandira. *Patrimônio Histórico de Cuiabá*. Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá – Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano, p.29, 2010.

POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.3, n.3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: *Imprensa Nacional, Casa da Moeda*, 2000. V.42 (Sistemática), p.507-516.

SANTOS, N.M.W. Memória como narrativas do sensível: entre subjetividade e sensibilidade. In: GRAEBIN, C.M.G. e SANTOS, N.M.W. (Orgs.). *Memória Social: questão teóricas e metodológicas*. Canoas: UnilaSalle, 2013.

1º SEMINÁRIO BRASILEIRO PARA PRESERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS. *Carta de Petrópolis*. IPHAN. Disponível em: (Microsoft Word - CP2 - Carta de Petr\363polis 1987.doc) (iphan.gov.br). Acesso em: 16 de jan. 2021.

RYKWERT, Joseph. *A Sedução do Lugar: A História e o Futuro da Cidade*. Editora: Martins Fontes, São Paulo, 2004.

SILVA, Ana Maria. *Requalificação Urbana. O exemplo da intervenção Polis em Leiria*. (dissertação de mestrado) Coimbra, 2011.

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. Editora: Perspectiva, p. 175-280, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeus. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Editora: Vozes, 2014.